

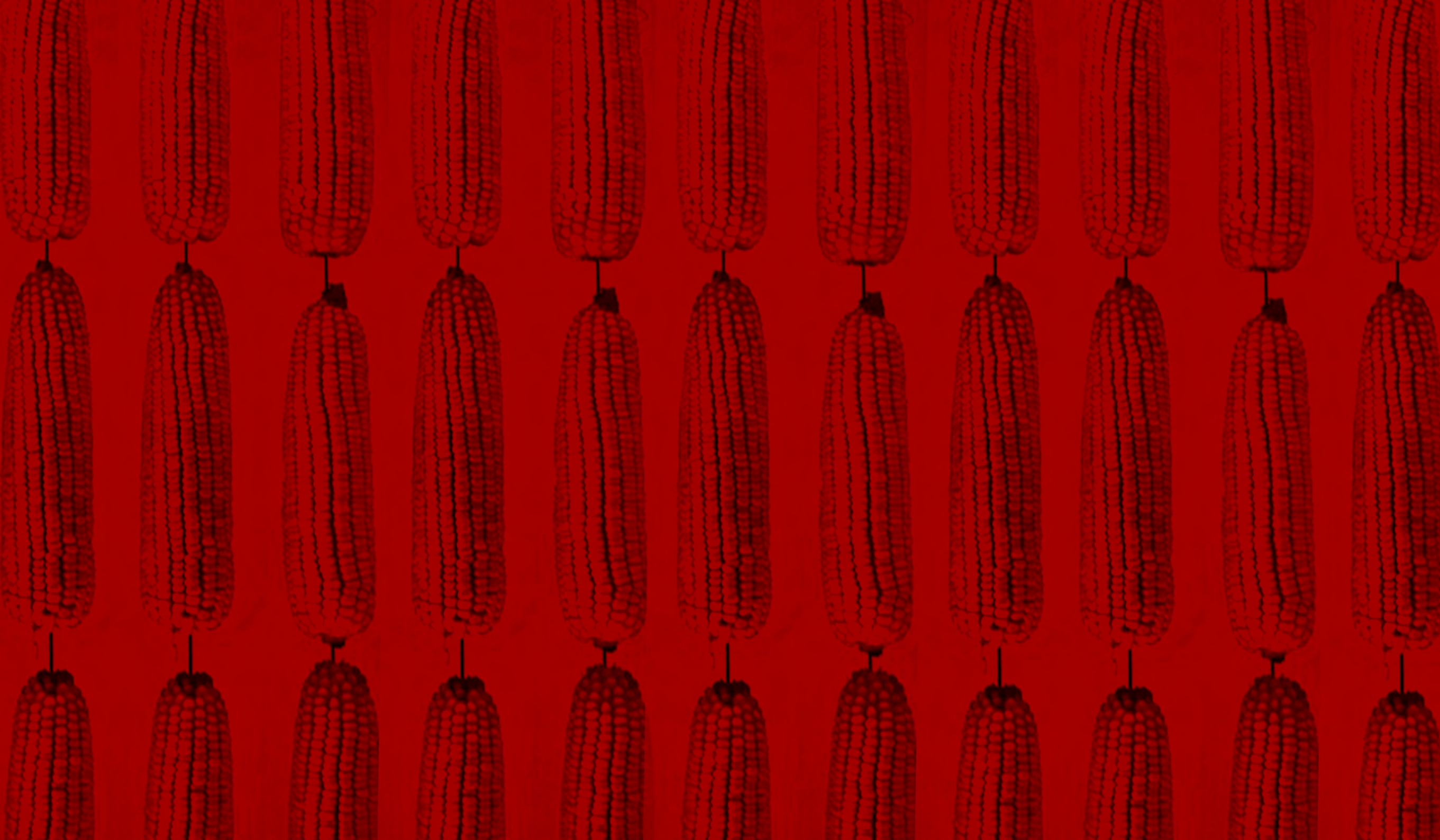


# DO INDÍGENA AO CAIPIRA

HISTÓRIAS, VIOLÊNCIAS E APAGAMENTO

MAINARA PRADO PEREIRA ARAÚJO







# DO INDÍGENA AO CAIPIRA

HISTÓRIAS, VIOLÊNCIAS E APAGAMENTO

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

## TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
IAU USP

### DISCENTE

Mainara Prado Pereira Araújo

### COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

Aline Coelho Sanches  
Amanda Saba Ruggiero [orientadora]  
Joubert José Lancha  
Luciana Bongiovanni M. Schenk

### COORDENADOR DO GRUPO TEMÁTICO (GT)

Marcelo Suzuki

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A663i	Araújo, Mainara Prado Pereira Do indígena ao caipira: histórias, violências e apagamento / Mainara Prado Pereira Araújo. -- São Carlos, 2021. 92 p.
	Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.
	1. Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. 2. História e memória. 3. Paisagem e percurso. 4. Projeto Quebra Anzol. 5. Perdizes, MG. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



### BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Saba Ruggiero  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP São Carlos

Prof. Dr. Marcelo Suzuki  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP São Carlos

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helena Aparecida Ayoub Silva  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP São Paulo



Agradeço à minha família, pelo amor, carinho e apoio nas mais diversas circunstâncias;  
às amigas e amigos, pelos momentos compartilhados, pelo afeto e por tornarem essa caminhada ainda mais especial;  
às professoras e professores, técnicas(os) e servidoras(es), pelos ensinamentos, pelas trocas e por possibilitarem a minha formação;  
a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento e finalização deste trabalho.

**O MEU MUITO OBRIGADA!**

**13** resumo

**15** paisagem e percurso

**16** entre-rios: a região à extremo oeste das Minas Gerais  
leituras

**34** intenções territoriais  
definições de recortes e de eixos  
aproximação ao eixo arqueológico  
Projeto Quebra-Anzol e Museu de Arqueologia em Perdizes

**52** Perdizes, MG: aproximações

**56** Proposta projetual: Centro de Memória em Perdizes

**88** Considerações

**90** Referências bibliográficas

**SUMÁRIO**



## RESUMO

O presente trabalho parte da busca por desvelar as várias camadas históricas presentes num dos primeiros territórios do Brasil Central a serem invadidos pela colonização - as atuais mesorregiões mineiras do Triângulo e Alto Paranaíba -, resgatando principalmente a memória e a presença à época de grupos indígenas associados aos Jê - documentalmente nominados pelos exterminadores como “gentio Cayapó” (MANO, 2015).

Contrapondo a lógica atual predominantemente latifundiária, monocultora e pecuarista, pretende-se, a partir de percursos narrativos que incorporem pequenas cidades, distritos e comunidades rurais, incentivar a adoção de Sistemas Agroflorestais como prática que concilia conservação e produção, além de promover ou consolidar outras formas de uso do solo rural, como pesquisas científicas geológicas, atividades pedagógicas, culturais e de lazer.

A proposta projetual se coloca em diálogo com pesquisas arqueológicas já desenvolvidas na região desde a década de 80 - inserindo a discussão sobre processos participativos nas decisões expositivas -, visando criar percursos na paisagem que retomem essas histórias, evidenciando outras perspectivas, e que configurem eixos pedagógicos, sobretudo para atender às escolas próximas e à população local, possibilitando o conhecimento mais profundo sobre território que habitam e sobre a importância das lutas e da garantia de direitos às populações indígenas. Pretende-se ainda, considerando o atual contexto de ocupação do território, complementar conexões físicas e culturais entre distritos e comunidades rurais, assentamentos ainda pouco inseridos nas políticas de planejamento urbano.

Padrões de decoração e apliques de material cerâmico encontrado no sítio arqueológico Inhazinha, Perdizes-MG. Desenhos: Wagner Magalhães.



## PAISAGEM E PERCURSO

O conceito de *Paisagem*, além de amplo e complexo, ramifica-se ainda em outras definições possíveis, de mesma complexidade e, em alguns casos, bastante recentes, como *Paisagem Cultural* e *Arqueologia da Paisagem*, por exemplo. Busca-se pincelar algumas das questões envolvidas, visando um suporte básico para as leituras de território e proposições projetuais.

"A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades."

(Aziz Ab'Saber, 1977).

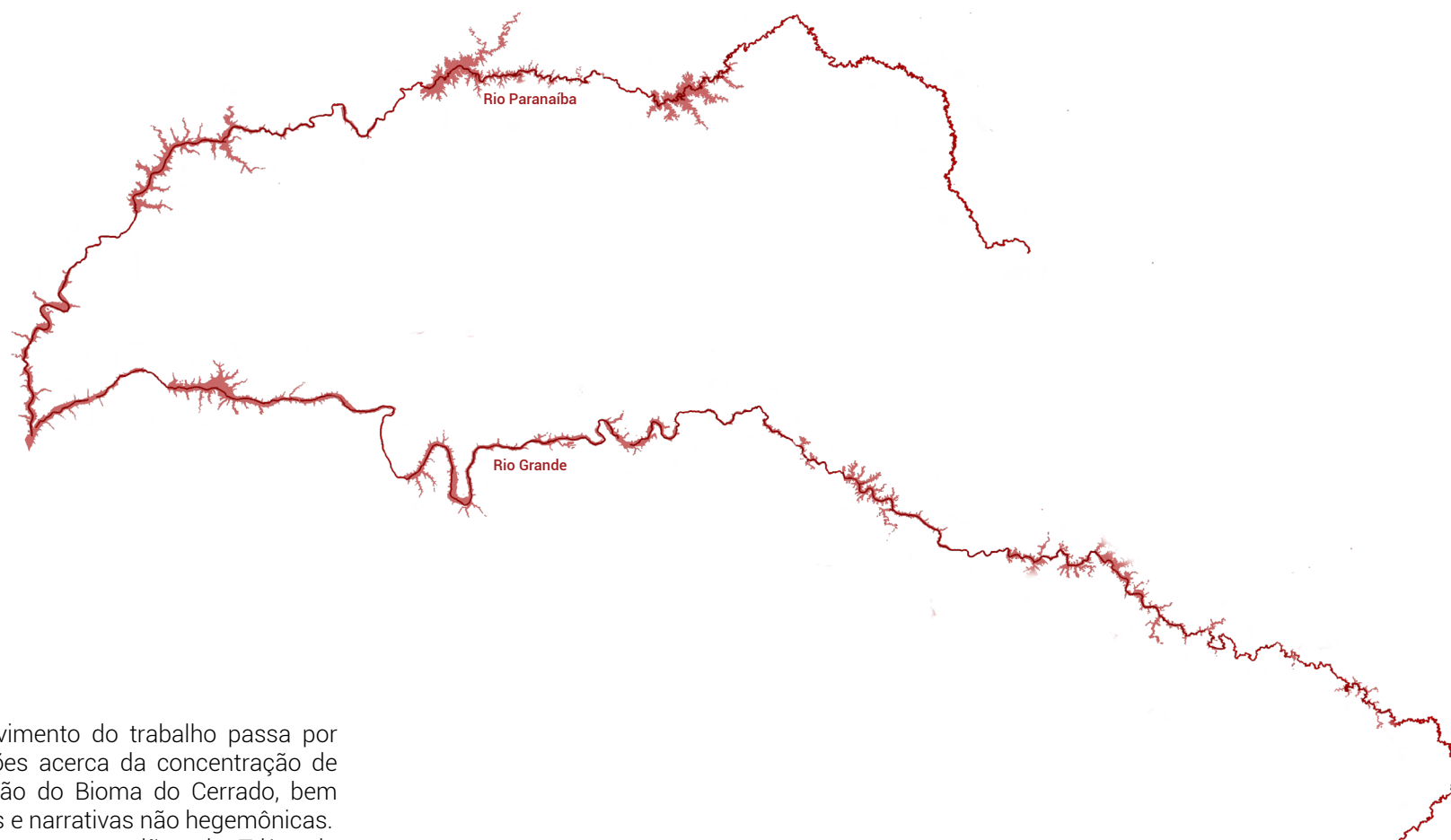
Sandeville Júnior (2005), buscando discutir sobre uma conceituação aberta e complexa, enfatiza a paisagem como "objeto geográfico e percebido, mas objeto-ação: em processo dinâmico e significante". Para além de uma imagem, forma ou figura, é um fato social, "é AÇÃO: conformAÇÃO e configurAÇÃO".

*Arqueologia da Paisagem*, segundo Marcolin (2013), configura-se como instrumento de conhecimento do território, como campo de investigação amplo e multidisciplinar - das ciências da terra às ciências sociais - que, a partir de estudos sobre os processos e intervenções que historicamente qualificaram daquela forma o território, objetiva uma gestão sustentável dos recursos, fruição e preservação do patrimônio natural e cultural, articulação entre os âmbitos da investigação científica, do planejamento do território e da arquitetura.

Por fim, investiga-se a possibilidade de intervenções ao longo de um percurso narrativo como processo desvelador de camadas presentes nas relações da paisagem: sujeitos, fluxos históricos, assentamentos, invasões coloniais, conflitos, resistências e genocídio, e o próprio deslocar-se como nova camada ativa. Valoriza-se o conhecimento da história do Brasil e das terras que atualmente ocupamos, superando as narrativas coloniais, como processo fundamental de tomada de consciência, de entendimento dos processos que configuraram as dinâmicas atuais e de embasamento para perspectivas outras.

# ENTRE-RIOS

a região à extremo oeste das Minas Gerais



A escolha por essa região para desenvolvimento do trabalho passa por relações pessoais com parte dela e de inquietações acerca da concentração de atividades agropecuárias e consequente devastação do Bioma do Cerrado, bem como dos sucessivos apagamentos de perspectivas e narrativas não hegemônicas.

Para além da atual configuração enquanto mesorregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, é uma área historicamente documentada e entendida de forma relacionada, inclusive já nomeada como "Sertão da Farinha Podre" durante o período colonial.

## ENTRE-RIOS

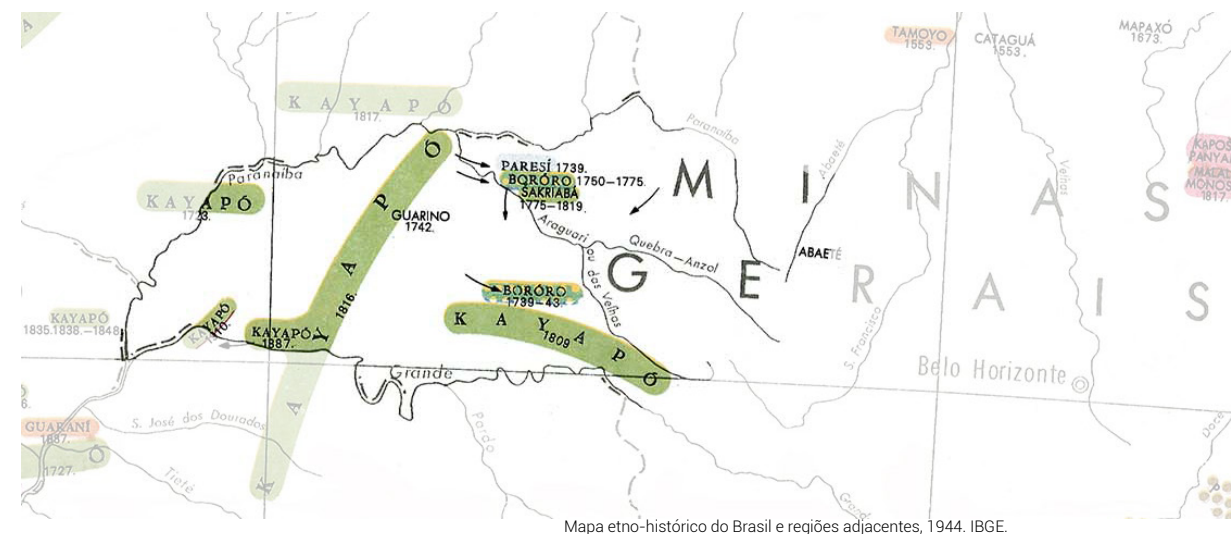
ocupações originárias e invasões coloniais



Até o século XVIII, a área em hachurada no mapa configurava um espaço milenar de ocupação indígena, caracterizada por uma economia horticultura e aldeã, complementada por atividades de caça e coleta. Os grupos do Tronco Macro-Jê linguisticamente aparentados, habitavam ainda outras áreas dos estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, regiões quase sempre coincidentes com o Bioma do Cerrado.

Existem estudos que resgatam, nesta região, povoadores ainda anteriores: os povos conhecidos como Tradição Aratu-Sapucaí remontam a 1000 anos aproximadamente, os quais construíam aldeias nas matas-galeria, na margem dos cursos d'água e praticavam agricultura fundamentada no milho, e a Tradição Itaparica, formada por caçadores e coletores exclusivos, que remontam a pelo menos 12000 anos (LOURENÇO, 2005).

Todas essas linhagens, porém, foram exterminadas com as invasões coloniais, que visavam explorar o território em busca principalmente de ouro. Lourenço (2005) escreve que, no Brasil, houve um extermínio das sociedades indígenas, pela seguinte razão: "tratava-se de sociedades comunais, que viviam em pequenos bandos dispersos, esporadicamente se reuniam em grupos maiores e proviam suas existências pela horticultura, caça e coleta. Tais formas econômicas e sociais eram



incompatíveis com os interesses coloniais.” Diferente do que teria acontecido em países como México, Guatemala, Honduras, Peru, Equador e Bolívia, por exemplo, onde a invasão espanhola teria eliminado as classes dominantes nativas, mas adaptado as sociedades de base camponesa, que praticavam agricultura com terraceamento e sistemas de irrigação e contavam com densidade demográfica significativa, o que explica a opção pela dominação e não extermínio, segundo o autor.

Houve então uma

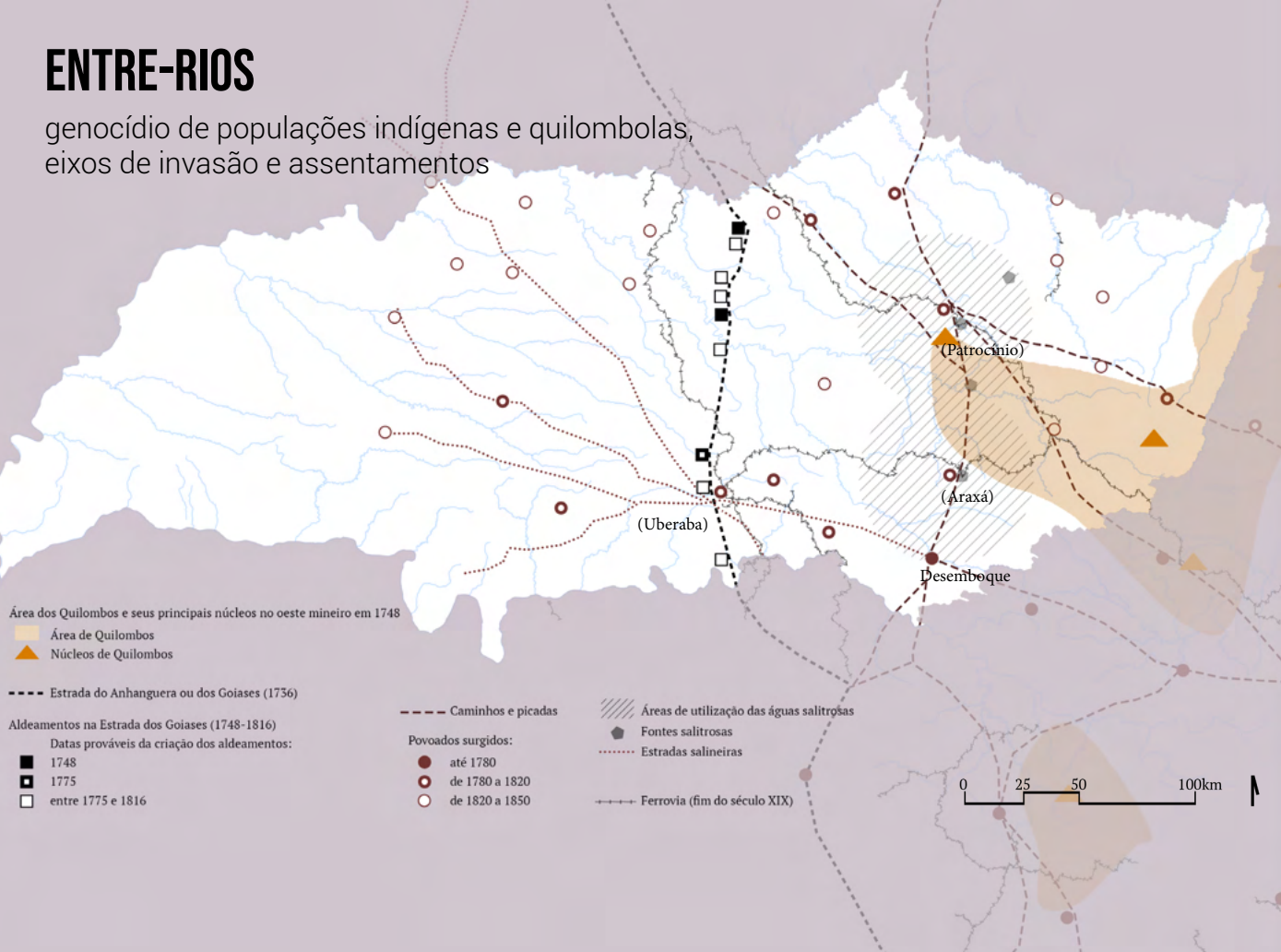
"transição - radical e violenta - ocorrida entre duas espacialidades, nos séculos XVIII e XIX: o Cerrado indígena [...] e o Cerrado geralista, espaço de uma sociedade que se fundamentava numa economia agrícola e pecuarista, que, apesar de ter incorporado um grande número de técnicas indígenas, organizava o trabalho humano e utilizava os recursos do Cerrado de forma inteiramente diferente da sociedade anterior e que, por isso, a destruiu." (LOURENÇO, 2005, p. 41)

Alguns dos métodos indígenas incorporadas pelos invasores, segundo o autor, foram as técnicas de preparo da terra, plantio e beneficiamento de alimentos, alternando entre o plantio de milho e de feijão, além das construções de duas águas, cobertas de sapé e elevadas do chão onde se armazenavam espigas colhidas, os paióis.



# ENTRE-RIOS

genocídio de populações indígenas e quilombolas, eixos de invasão e assentamentos



Liderados por Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera) e João Leite da Silva Ortiz, sertanistas paulistas descobriram as minas dos Goiaes entre os anos de 1722 e 1725 e, em pouco tempo, paulistas afluíram para lá, criando arraiais em torno das lavras. Incursões "caiapós" ameaçaram a estabilidade dos arraiais do ouro e, principalmente, o tráfego pela estrada do Anhanguera.

"A resistência caiapó já era conhecida dos paulistas desde as primeiras bandeiras em Goiás. [...] Um ano antes, em 1748, os caiapós haviam dizimado os garimpeiros de um núcleo aurífero, nas cabeceiras do rio das Abelhas, mesmo lugar onde, alguns anos depois, surgiria o arraial do Desemboque." (LOURENÇO, 2005, p. 53).

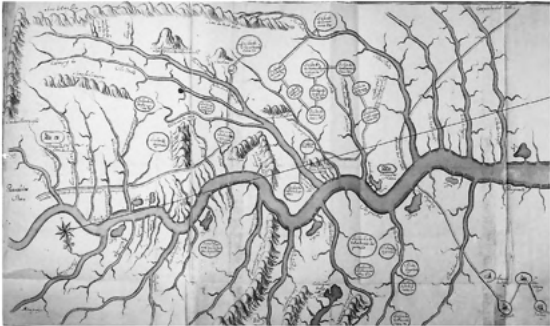
Outra rede de resistência ampla e extensa era o Quilombo do Campo

Grande e suas diversas unidades e áreas ocupadas. Enquanto Palmares abrangia 9 vilas ou quilombos, o do Campo Grande era composto por cerca de 27. Diante das resistências indígenas e quilombolas, os colonizadores definiram estratégias já utilizadas anteriormente, envolvendo compulsoriamente indígenas bororos em campanhas de extermínio aos caiapós e quilombolas.

"Em seguida, obedecendo ainda à determinação do governador paulista, fundou alguns aldeamentos ao longo do trecho, onde distribuiu seus índios bororos, que doravante se tornariam responsáveis pela defesa do trânsito na estrada." (LOURENÇO, 2005, p. 56).

Essa experiência de aldeamentos tratou-se da primeira ocupação colonial sobre essa região, como forma violenta e compulsória de aculturação e exploração de populações indígenas e, pouco tempo depois, um movimento de migração centrífuga de roceiros e criadores vindo da região aurífera em decadência chegou, estabelecendo-se inicialmente no atual Desemboque e posteriormente penetrando os sertões rumo às atuais cidades de Araxá e Patrocínio (eixo norte-sul), e à atual Uberabá (eixo leste-oeste).

Como último eixo temporal destacado no mapa, inserem-se as linhas férreas, no fim do século XIX, que assumiram papel fundamental no escoamento da produção e foram responsáveis por grande aumento populacional e enriquecimento da região no início do século XX. Entram em decadência com as políticas rodoviaristas, e atualmente parte das linhas encontram-se desmanteladas, e outras são utilizadas esporadicamente para transporte de cargas.



Mapa da Confederação Quilombola do Campo Grande, feito pelo capitão Antônio Francisco França entre 1760 e 1763 (Coleção da Família Almeida Prado – IEB/USP). Foto: T. J. Martins, 1992.



Desemboque, o "berço" da ocupação do Triângulo Mineiro a partir da região aurífera em decadência. Foto: Antonio Rispoli.



Estação de Jaguará nos seus últimos anos de operação, década de 1970. Foto: André Borges Lopes.



# ENTRE-RIOS

questões ambientais: relevo, hidrografia e vegetação  
eixos de invasão e assentamentos



Em viagem à província de Goiás no início do século XIX, Auguste de Saint-Hilaire, botânico e naturalista francês faz as seguintes anotações sobre a paisagem do vale do Paranaíba:

“Entre a Serra da Canastra e Araxá, a oeste da grande cadeia, a região é montanhosa... Em geral, porém as terras são onduladas, às vezes planas, e as colinas, de cume arredondado e amplo, têm encostas muito suaves. No seu topo e numa das suas vertentes, que está voltada para o arraial de Araxá, a serra do mesmo nome só mostra árvores raquíticas e tortuosas. De resto, num trecho de aproximadamente 15 léguas, desde a Serra da Canastra até o riacho chamado Quebra-Anzol, só vi imensas pastagens entremeadas de tufos de árvores.”  
(SAINT-HILAIRE, [1847] 2004, p. 121-122)

Ab'Saber (1971, apud Magalhães, 2015) define ainda o conjunto de formas de relevo como “Domínio dos Chapadões Tropicais do Brasil Central”. A cobertura vegetal remanescente é característica do Bioma Cerrado, com formações florestais savânicas e campestres, sendo predominantes os tipos Mata de Galeria e Cerradão:

“As formações savânicas referem-se a áreas com árvores e arbustos distribuídos de forma isolada sobre um estrato formado por uma vegetação rasteira composta de gramíneas, de modo que a copa das árvores muito raramente se tocam, formando um dossel contínuo. Já as formações campestres apresentam um predomínio de espécies herbáceas associadas a alguns arbustos, com ausência total de árvores na paisagem.”  
(MAGALHÃES, 2015, p. 114)

O Bioma do Cerrado, porém, tem sido massivamente devastado pelas atividades agrícolas e pecuárias e, com as tecnologias de correção de solo e mecanização cada vez mais avançadas, o solo pouco fértil deixa de ser um problema e os chapadões anteriormente descritos passam a ser tomados pela agricultura extensiva e monocultora, por se configurarem como grandes planícies (áreas brancas no mapa).

As bacias hidrográficas dessa região são muito fragmentadas pelas sucessivas implantações de barragens, afetando a biodiversidade (Magalhães, 2015) para além do impacto também causado pelas intensivas atividades agropecuárias e mineradoras.



Imagem aérea nas proximidades da cidade de Uberlândia.  
Foto: Luiz Felipe Sahd, 2009.



Usina de Água Vermelha, em Iturama-MG e Ouroeste-SP.  
Foto: AES Tietê/Divulgação.

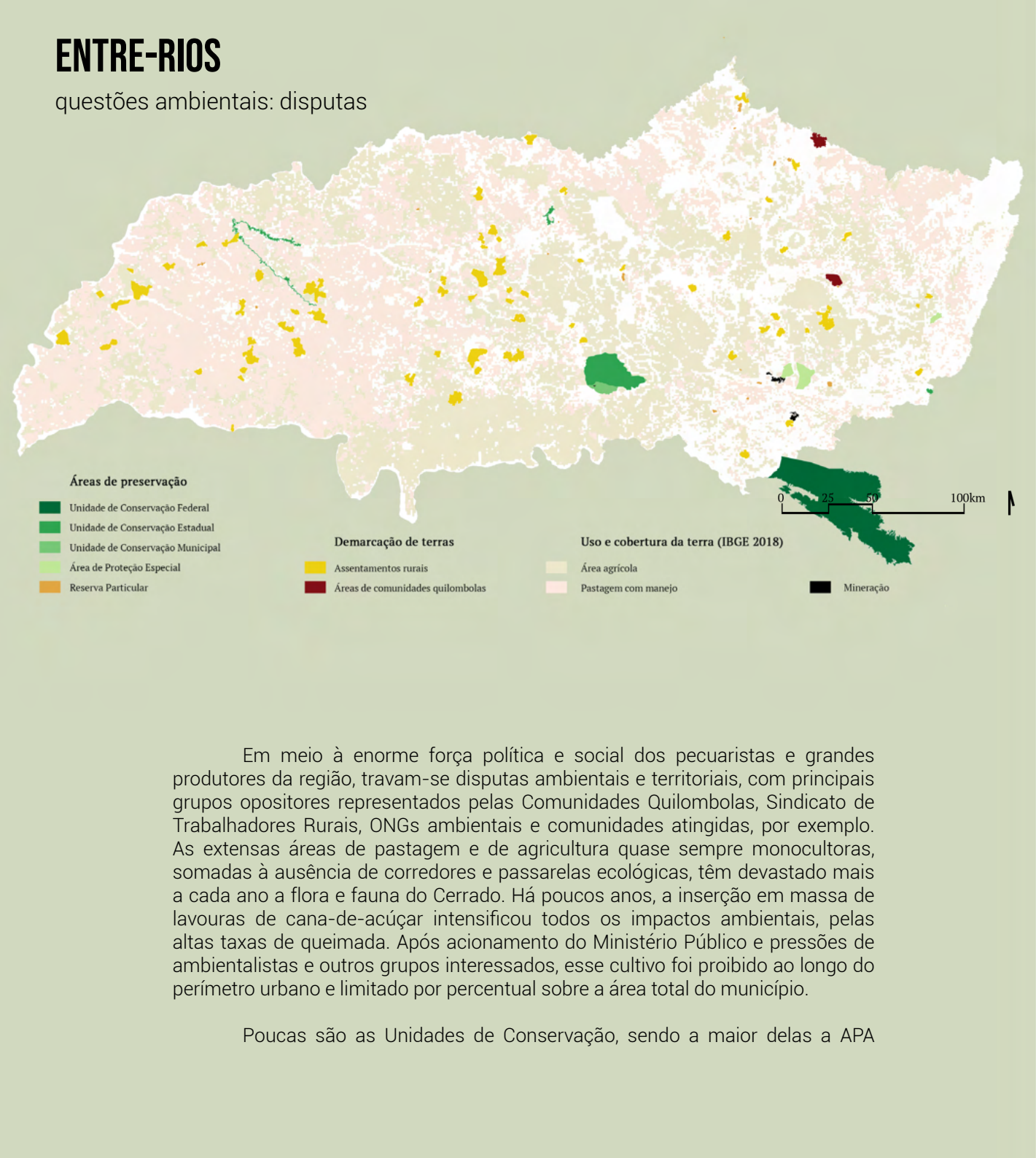


Vegetação Campo Cerrado.  
Foto: M. Martins.



# ENTRE-RIOS

questões ambientais: disputas



Em meio à enorme força política e social dos pecuaristas e grandes produtores da região, travam-se disputas ambientais e territoriais, com principais grupos opositores representados pelas Comunidades Quilombolas, Sindicato de Trabalhadores Rurais, ONGs ambientais e comunidades atingidas, por exemplo. As extensas áreas de pastagem e de agricultura quase sempre monocultoras, somadas à ausência de corredores e passarelas ecológicas, têm devastado mais a cada ano a flora e fauna do Cerrado. Há poucos anos, a inserção em massa de lavouras de cana-de-açúcar intensificou todos os impactos ambientais, pelas altas taxas de queimada. Após acionamento do Ministério Público e pressões de ambientalistas e outros grupos interessados, esse cultivo foi proibido ao longo do perímetro urbano e limitado por percentual sobre a área total do município.

Poucas são as Unidades de Conservação, sendo a maior delas a APA



ExpoZebu, Uberaba.  
Foto: ABCZ, 2019.



Jazida da Vale em Tapira, cidade da região de Araxá.  
Foto: Edson Silva.

Uberaba, já que a Unidade da Serra da Canastra encontra-se fora dos limites das mesorregiões em estudo.

Falta um planejamento que encare as áreas de Reserva Legal de uma outra forma, buscando conectá-las criando amplas áreas de preservação. Do modo como são feitas hoje, fragmentadas, não contribuem efetivamente para a manutenção da biodiversidade local.



Comunidades Quilombolas de Teodoro Oliveira e Ventura, Serra do Salitre.  
Foto: Fabiano Divino.



# ENTRE-RIOS

expressões culturais: congadas, folias e viola



Foram trazidos nesse mapa, expressões culturais já registradas e mapeadas pelo IEPHA-MG, inseridas como bens culturais de Saberes, Linguagens e Expressões Culturais da Viola em Minas Gerais ou de Folias de Minas. Questiona-se, contudo, o fato de o levantamento e registro das Congadas e Reinados terem sido iniciados apenas neste ano. Apesar de fazer parte da identidade de parte da população mineira, as Folias têm origem ibérica e vínculo direto à religião católica, tradições historicamente responsáveis pela criminalização e proibição de outras práticas religiosas.

“Os estudos e pesquisas mais significativos para a Antropologia como ciência investigativa da cultura humana, até há pouco tempo eram voltados para a compreensão da cultura e dos fenômenos culturais a partir da interpretação histórico-antropológica sob o prisma das elites detentoras do poder político e econômico. Ou seja, a maioria dos estudos históricos e antropológicos acerca da cultura das sociedades ou grupos humanos era interpretada sob a visão de uma elite intelectualizada.”

Busca-se destacar neste trabalho a importância do levantamento de práticas identitárias das comunidades dos remanescentes de quilombos e de comunidades religiosas de matriz africana, para possibilitar sua preservação, além de garantir apoio e articulações de ações culturais, sociais e econômicas que contribuam para a sustentabilidade desses grupos tradicionais e para o intercâmbio de saberes. Contando com o registro e informações sobre essas comunidades, garante-se a adequação das políticas públicas do Estado brasileiro aos quilombolas, seus territórios e modos de vida, fornecendo ainda suporte e assistência jurídica para as ações de regularização fundiária aos já certificados e aos que lutam pela certificação (Fundação Palmares).

Na região estudada, destaca-se a necessidade de levantamento das expressões da Capoeira, das Escolas de Samba, do Jongo, do Congado (ternos de Congo e Moçambique, por exemplo), dos Afoxés, Umbanda, Candomblé, dentre outras manifestações culturais de cunho religioso, muitas das vezes marcadas por forte sincretismo.



Saberes, Linguagens e Expressões Musicais: os fazedores da viola. Foto: IEPHA Minas Gerais.



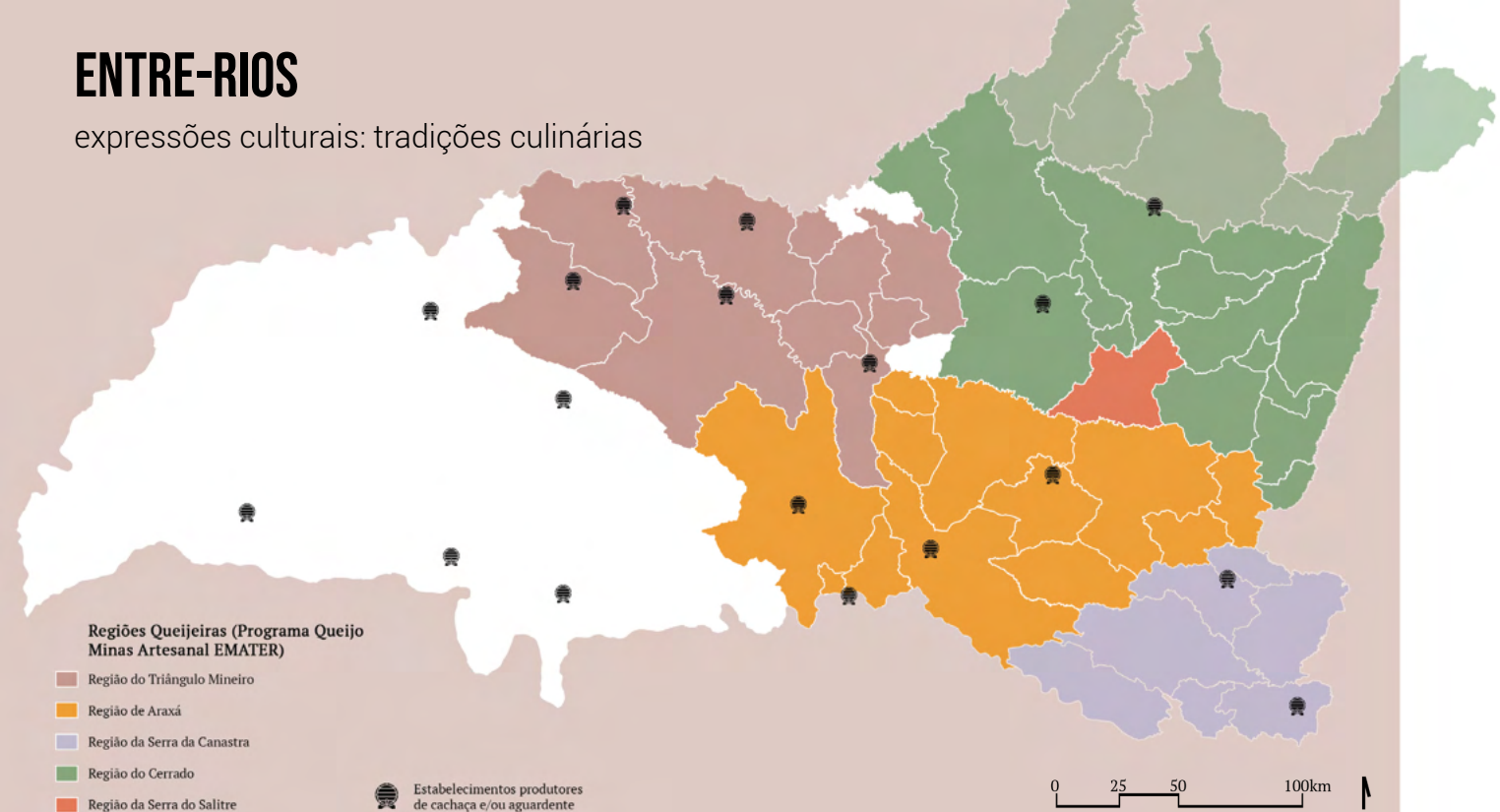
Apresentação de Folia de Reis em Presépio na Praça da Matriz, Sacramento. Foto: Virgínia Dolabela, 2011.



Manifestações do 13 de maio em Uberaba, com participação dos Ternos de Congo, Moçambique, Afoxés e Vilões. Foto: Ruth Gobbo, 2017.

# ENTRE-RIOS

expressões culturais: tradições culinárias



O modo de fazer o queijo artesanal no estado de Minas Gerais constituiu-se em importante elemento econômico, cultural e simbólico (IEPHA-MG). O Programa Queijo Minas Artesanal, promovido pela EMATER-MG, objetiva padronizar e normatizar produtos e produtores, embalagens, comercialização e certificação de origem e de qualidade dos queijos, além de incentivar e fortalecer a organização dos produtores. As áreas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba são as que mais concentram regiões queijeiras no estado. A produção dos municípios de Sacramento e Araxá se destacaram recentemente em concursos internacionais e têm ganhado cada vez mais reconhecimento.

A produção dos doces em calda artesanais resgatam o fogão à lenha e os grandes tachos de cobre, configurando-se também como uma tradição culinária mineira bastante presente.

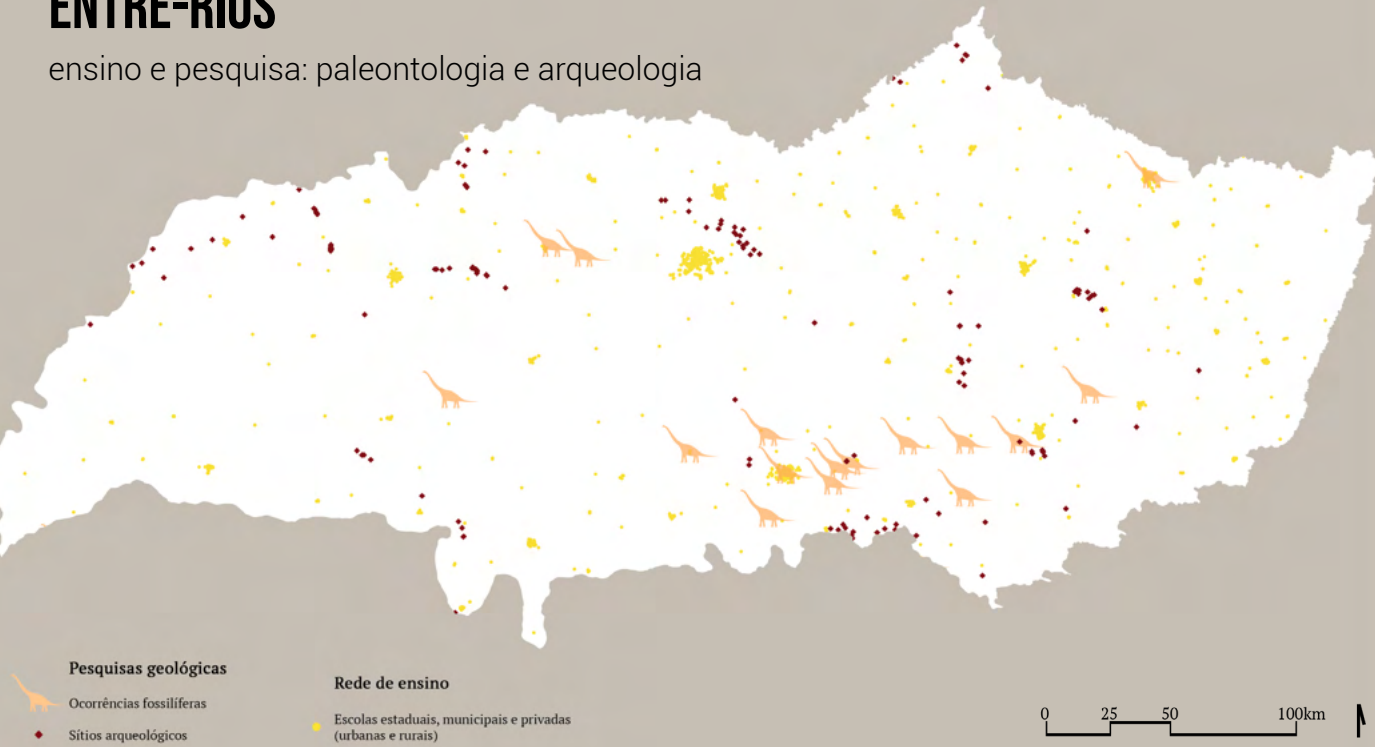
Apesar de ainda bastante imprecisa e cercada de histórias quase folclóricas, a origem da cachaça no Brasil retoma o período colonial dos engenhos de açúcar e da escravidão. O estado é o maior produtor do país.





# ENTRE-RIOS

ensino e pesquisa: paleontologia e arqueologia



Devido ao extermínio da população indígena nessa região, a Arqueologia faz-se fundamental como campo de estudo. Entre os principais projetos ali presentes, está o Projeto Quebra-Anzol, criado na década de 80. O grupo de pesquisa visa “estabelecer um quadro crono-cultural associado à detecção de mudança cultural relacionada a ocupações pré-históricas do Vale do rio Paranaíba, até a divisa com o Estado de Goiás” (MAGALHÃES, 2015). Entre os diversos materiais encontrados, estão urnas funerárias e peças cerâmicas e líticas, por exemplo.

A Paleontologia também se faz presente, com pesquisas e descobertas de relevância internacional.

“Em seu trabalho de 1952, intitulado “A geologia, a fisiologia e a hidrografia da bacia do rio Paranaíba” o geólogo russo Boris Brajnikov, afirma que a região do Triângulo Mineiro, onde insere-se a bacia do rio Paranaíba, pertence a uma zona continental muito antiga, estando esta separada da bacia do rio São Francisco, graças a um Horst\* no qual o autor designa como “Horts da Serra dos Cristais”.

(BRAJNIKOV, 1952, apud MAGALHÃES, 2015).

\*Horst é a designação dada em geologia a um bloco de território elevado em relação ao território vizinho por ação de movimentos tectônicos.

Sobre as ocorrências fossilíferas na região, o município que mais se destaca é Uberaba, com significativas ações de proteção e divulgação do patrimônio geológico nos últimos 20 anos. A partir de 2010, o Centro de Pesquisas Paleontológicas L. I. Price e o Museu dos Dinossauros passaram a integrar a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e, juntamente com o Serviço Geológico do Brasil, deram início à implantação do projeto Geoparque Uberaba, visando reconhecimento da UNESCO. Foram elencados 6 geossítios e dois sítios não geológicos (entre eles a antiga caieira que, neste trabalho, será alvo de diretrizes projetuais, visando integrar o eixo paleontológico ao eixo arqueológico proposto).



Estrutura de apoio instalada na área de escavação do sítio arqueológico Inhazinha, em Perdizes. Foto: Wagner Magalhães, 2014.

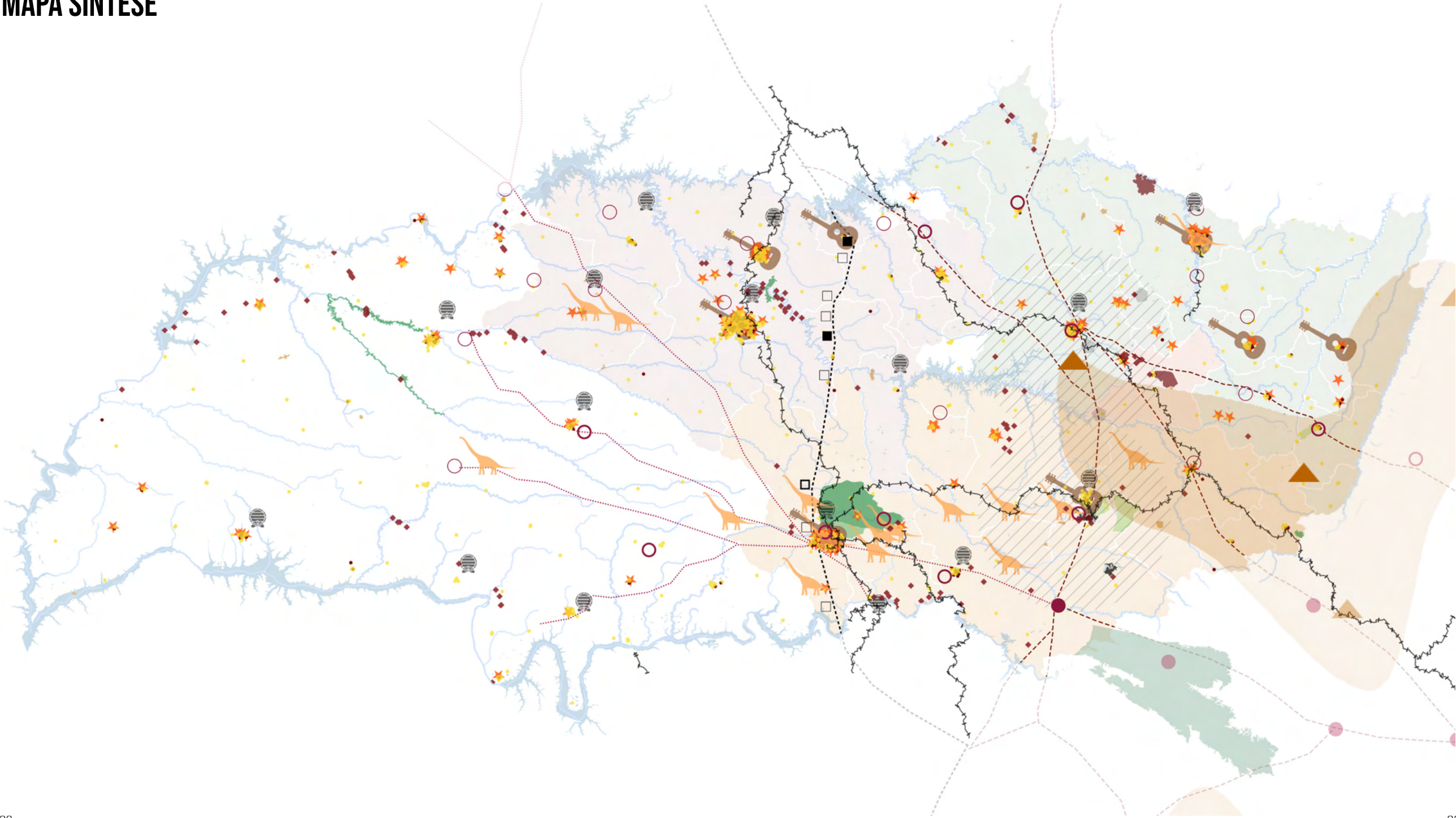


Fósseis de dinossauro encontrados em Uberaba, 2015. Foto: L. Adolfo.



Alunos de escola de Paracatu visitam o Museu dos Dinossauros, em Peirópolis, Uberaba.





# INTENÇÕES TERRITORIAIS:

definições de recortes e eixos

A partir da sobreposição de todas as camadas levantadas, são observadas regiões onde concentram-se aspectos de interesse e é, então, definida uma área de estudo mais aproximada para viabilizar a definição de eixos e de pontos de intervenção.

Observando a concentração de pesquisas geológicas, o nó na malha ferroviária e os eixos e assentamentos históricos, foram colocados em foco os municípios de Uberaba, Delta, Conquista, Sacramento, Araxá e Perdizes.

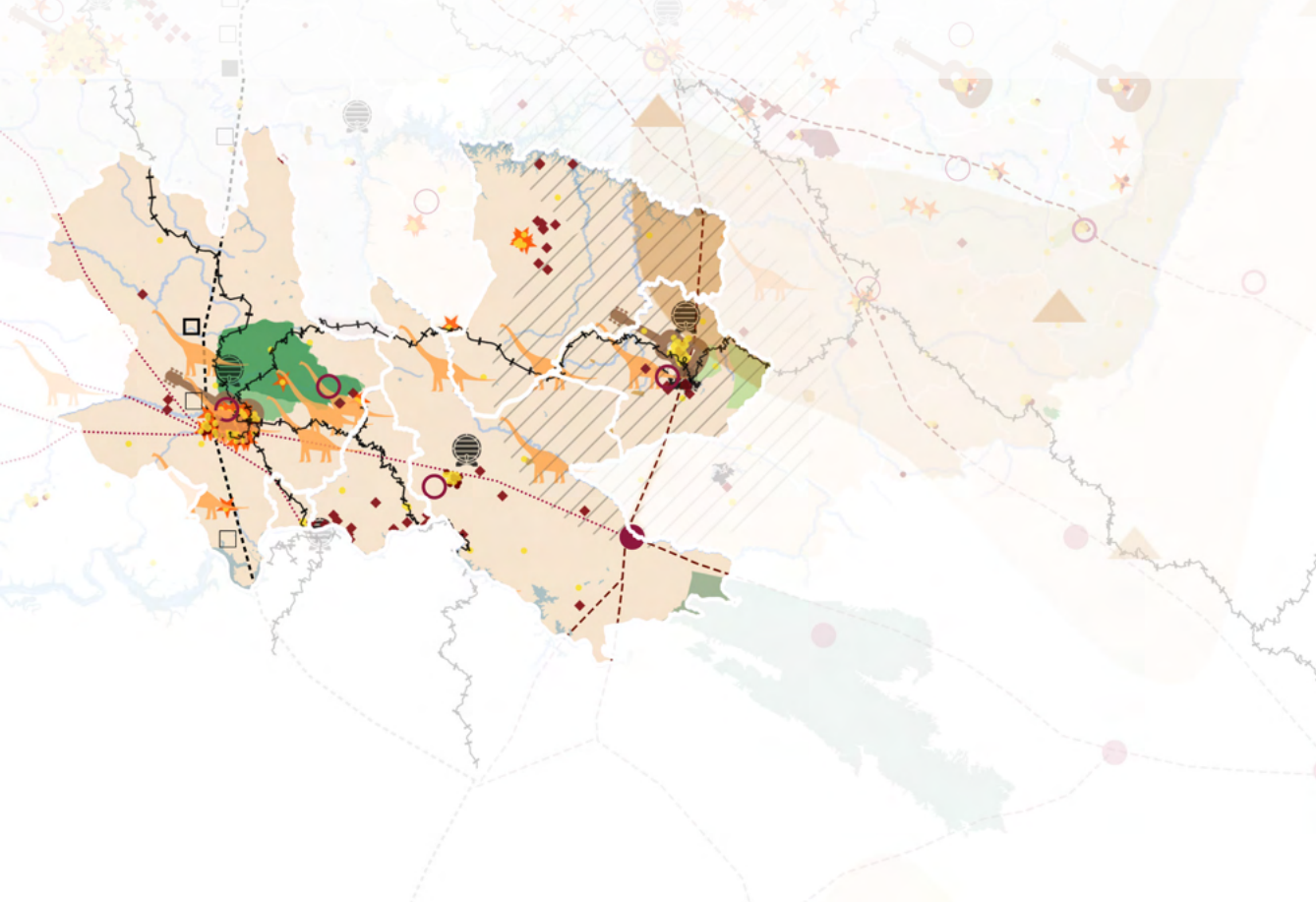


Para proposição dos percursos narrativos, foram considerados os seguintes eixos:

**HISTÓRICOS** [definidos por uma sobreposição de camadas históricas documentadas - desde as primeiras entradas de invasões coloniais, passando pelos principais movimentos de resistência negra e indígena, até o período das linhas férreas -, visam principalmente resgatar memórias invisibilizadas, salvaguardando o patrimônio material e imaterial da região];

**CULTURAIS** [a partir do levantamento das tradições culinárias, manifestações religiosas e dos saberes, busca-se fortalecer as questões de identidade, principalmente as que foram historicamente perseguidas e criminalizadas, como é o caso das Congadas, por exemplo];

**PEDAGÓGICOS** [considerando as pesquisas geológicas realizadas na região, arqueológicas e paleontológicas, intenta-se valorizar e incentivar a divulgação e continuidade das pesquisas, possibilitando ainda uma relação estrita com as escolas próximas].





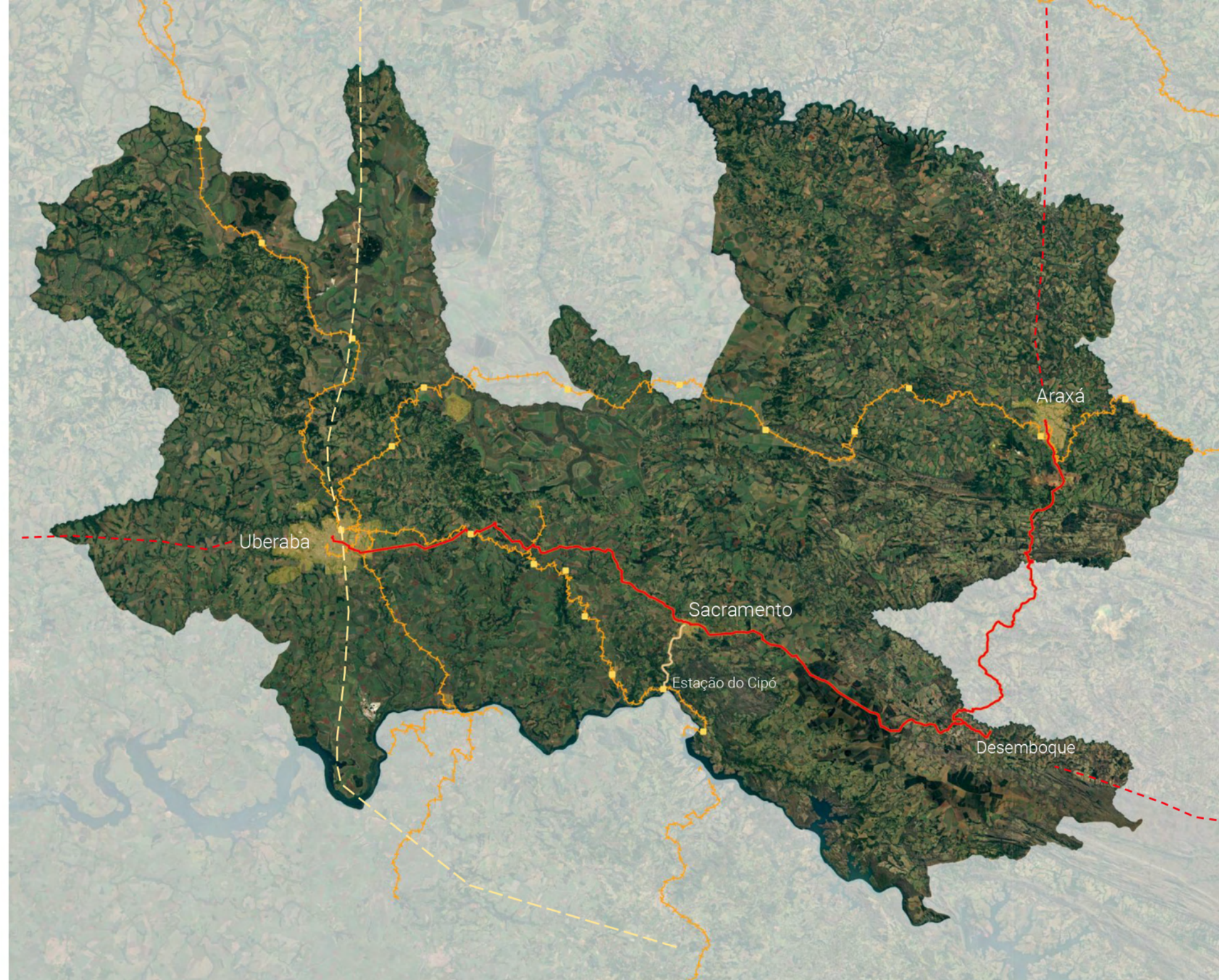
## EIXO HISTÓRICO

definição de um percurso, predominantemente em estrada de terra, que retoma os eixos de invasão vindos do Desemboque;

reativação ou reconstrução das linhas férreas, com recuperação e restauro das estações ainda não demolidas;

reconstrução da linha do bonde, interligando a Estação do Cipó à Sacramento;

recuperação do eixo da Estrada do Anhanguera (ou dos Goyases), com intervenções que resgatem o genocídio indígena e as políticas de aldeamento.





## EIXO CULTURAL

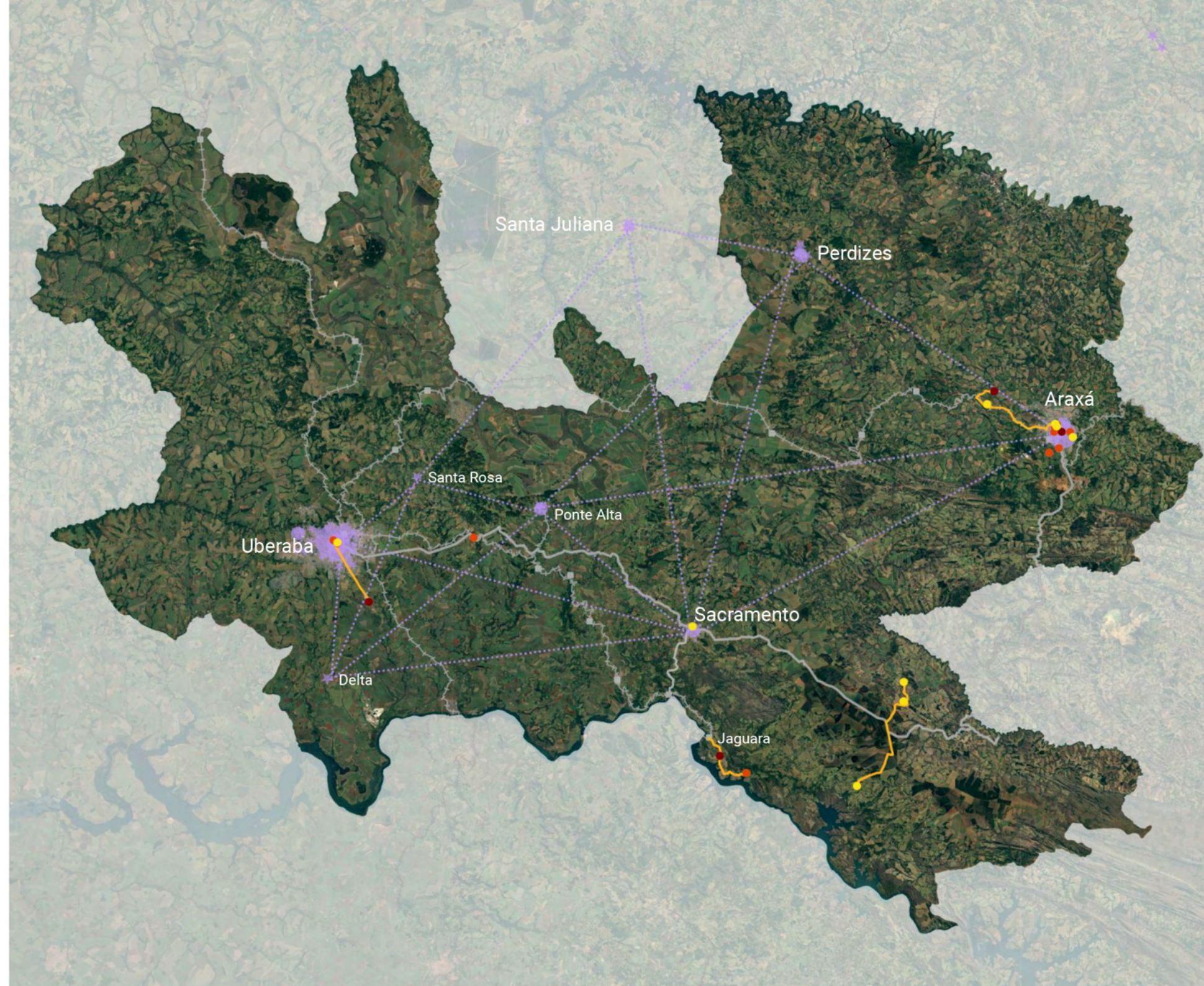
produção artesanal de:

- queijo
- doces
- cachaça

congados, folias, fazedores de viola e violeiros, centros e fundações culturais

definição de percursos que conectem os eixos históricos a produtores artesanais de queijo, doces e cachaça, entre outros;

eixos de interação e trocas culturais (congados, folias, fazedores de violas e violeiros, centros e fundações culturais municipais).





# EIXO PEDAGÓGICO

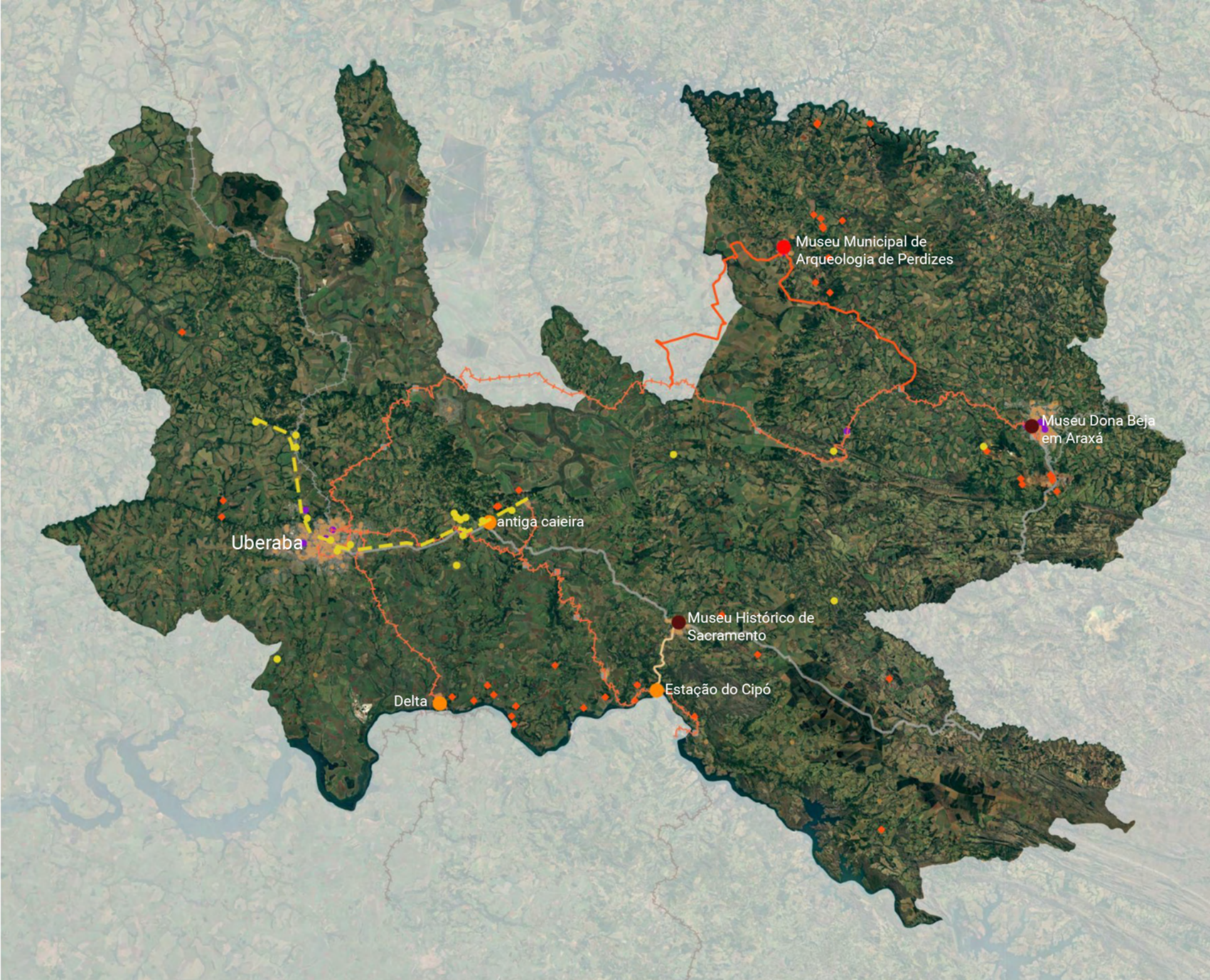
● acervos, bibliotecas, museus, arquivos públicos  
● escolas

eixo paleontológico:  
● ocorrências fossilíferas

Projeto Geopark Uberaba: em processo de implantação, visa o reconhecimento pela UNESCO. Conta com 6 geossítios e 2 sítios não geológicos.

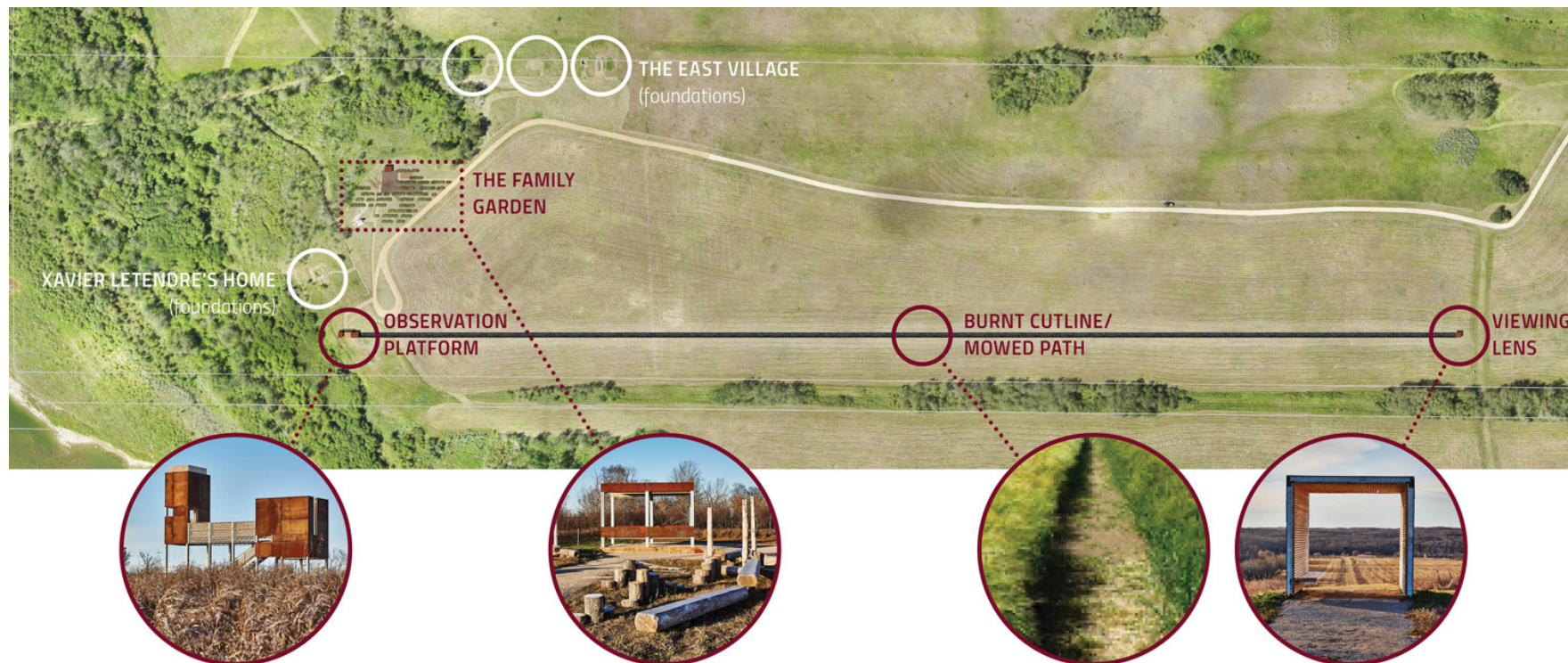
eixo arqueológico:  
● sítios arqueológicos  
● espaços expositivos já existentes  
● espaços a serem incorporados  
● museu e centro de pesquisas a ser ampliado e realocado

percurso proposto, conectado à linha ferroviária, visando consolidar um eixo arqueológico (destaque para a antiga caieira, que o integra ao eixo paleontológico, e à nova sede em Perdizes, configurando-se como edifício central do eixo.





## REFERÊNCIAS PROJETOAIS



### Storyboard na Paisagem

Ekistics Planning & Design, 2016.  
Batoche, Canadá.

Projeto vinculado às celebrações do sesquicentenário, resgata histórias da pré-confederação do Canadá e a herança das suas primeiras nações. Objetiva fortalecer os laços entre o governo canadense e a Nação Métis - Saskatchewan.

O conceito particular se concentra em duas abordagens para a divisão do terreno, inspiradas por questões de disputa pelo território: uma atribuição linear por um povoado semi-nômade que se converteu em uma aldeia de

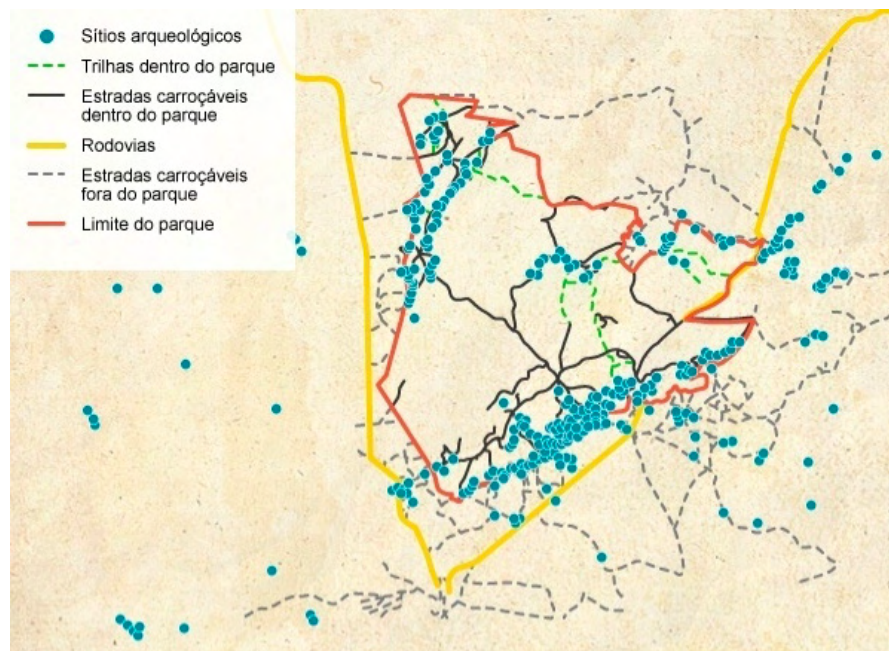
agricultores versus um sistema artificial baseado em uma imposição de uma nação por outra. O projeto busca contar a história deste lugar onde se considera o coração da nação Métis, descendentes dos nascidos dos povoados indígenas e europeus. Uma mínima intervenção e um pequeno impacto foram os objetivos chave. As estruturas levantam-se sobre pilotis para reduzir o impacto no sítio arqueológico. Os materiais sólidos - aço corten, cedro e pedra - minimizam a manutenção e evocam temas de permanência.

Apresenta aos visitantes a mensagem central - uma disputa de terra - através de um desenho que incorpora forma, material, conteúdo didático e a paisagem.





# REFERÊNCIAS PROJETUAIS



## Parque Nacional da Serra da Capivara

Criado por decreto em 1979.  
Canto do Buriti, Coronel José Dias, São João do Piauí e São Raimundo Nonato, Piauí.

O parque foi criado para preservar vestígios arqueológicos da mais remota presença do homem na América do Sul. Sua demarcação foi concluída em 1990 e o parque é subordinado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). (IPHAN)

Tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a

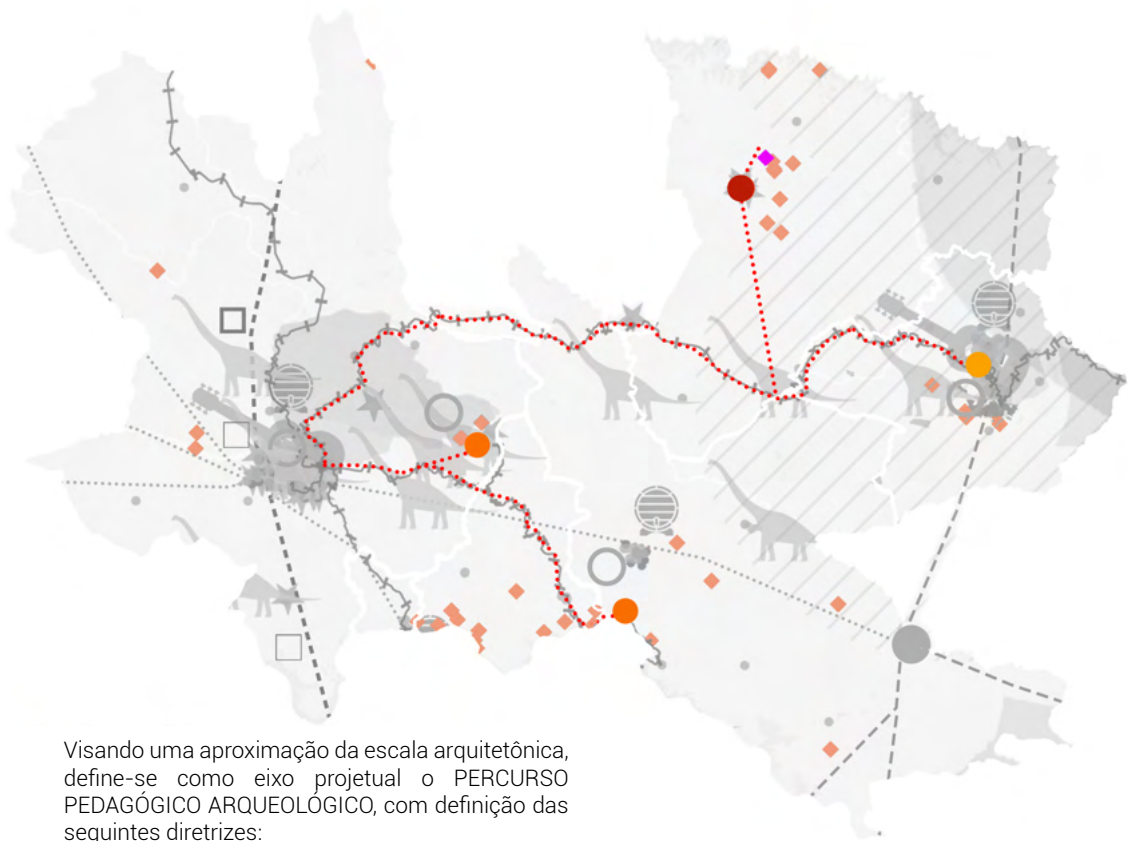
realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Como objetivo específico, visa conservar o patrimônio natural e cultural, como os sítios arqueológicos e pré-históricos.

Existem circuitos com várias trilhas para acesso aos sítios, lugares de interesse natural, monumentos geológicos e formações vegetais, estruturadas com escadas, passarelas e acesso para pessoas com deficiência. O parque conta ainda com espaços expositivos edificados, como o Museu da Natureza e o Museu do Homem Americano (fotos acima).

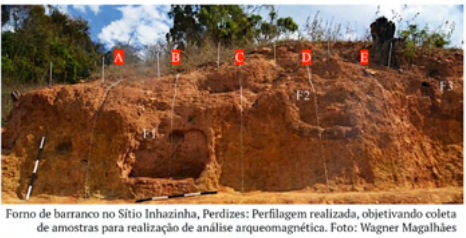
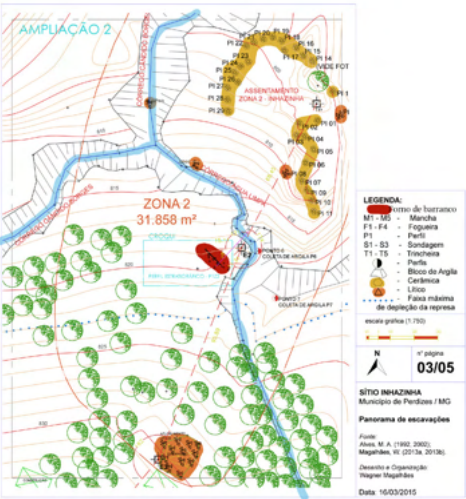


# INTENÇÕES TERRITORIAIS

aproximações ao eixo arqueológico



- ◆ Sítios arqueológicos
- ◆ Proposta de visitação ao sítio arqueológico Inhazinha, em Perdizes (fornos de barranco, material cerâmico e lítico)
- Espaço expositivo já existente em Araxá (Museu Dona Beja)
- Espaços expositivos propostos (antiga Caieira, em Uberaba, e estação do Cipó, em Sacramento)
- Edifício proposto para realocação do Museu Municipal de Arqueologia de Perdizes (e permanência do Centro Cultural de Perdizes no atual edifício)
- ..... Percurso principal proposto (reativação da ferrovia e conexão às estações por estradas para ciclistas e automóveis, com intervenções pontuais)



Museu Dona Beja, em Araxá. Sala expositiva com urnas funerárias e objetos cerâmicos e líticos encontrados na região. Fotos: Chris Cini.



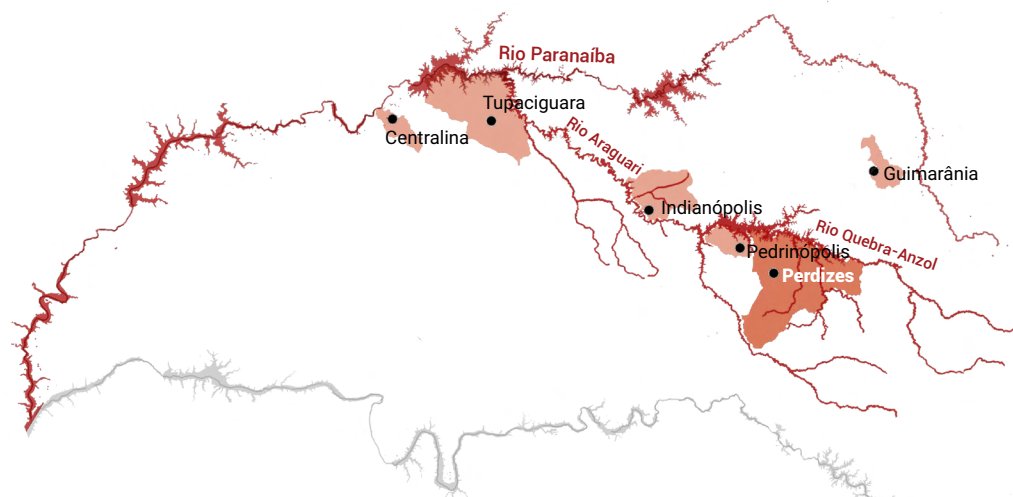
Antiga Caieira, próxima aos distritos rurais de Ponte Alta e Peirópolis, no município de Uberaba. Foto: Anderson C.Costa.



Estação do Cipó, em Sacramento, antes e depois de passar por reforma. Fotos: Luis Leite e Eunice Neroni.

## PROJETO QUEBRA-ANZOL:

arqueologia e a cultura material das populações originárias



Mapa: Municípios que integram o Projeto Quebra-Anzol. Autora.

Desde a década de 80, são realizadas pesquisas em sítios arqueológicos a céu aberto localizados na margem mineira do vale do rio Paranaíba, majoritariamente no município de Perdizes, e secundariamente nos municípios de Centralina, Tupaciguara, Indianópolis, Pedrinópolis e Guimarães. As pesquisas, coordenadas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Angelina Alves (Museu de Arqueologia e Etnologia/USP), fazem parte do projeto acadêmico Quebra-Anzol, o qual, ao longo de 40 anos de escavações arqueológicas e de investigação - na tentativa de reconstituir a história de povos e populações que ocuparam as atuais mesorregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba nos períodos anteriores, simultâneos e

posteriores à invasão e colonização portuguesa -, identificou três sistemas socioculturais.

. **Caçadores-coletores**, com datações absolutas entre os anos 5350 A.C. e 150 D.C. (ou entre 7300 e 1800 anos antes do presente, A.P. - marcação de tempo utilizada por algumas ciências, que utiliza o ano de 1950 D.C. como base de referência);

. **Agricultores e ceramistas pré-coloniais**, com datações entre 120 D.C. e 1550 D.C. (ou entre 1830 A.P. e 400 A.P.);

. **Agricultores e ceramistas do período colonial**, séculos XVII a XIX.

Visto que a documentação escrita existente sobre parte desses períodos partem apenas da perspectiva colonizadora e conta com inúmeras distorções que visavam atender a interesses próprios - criando generalizações, estereótipos e falsas descrições, por exemplo -, pesquisas como esta assumem papel relevante principalmente pela possibilidade de abordar a história a partir da perspectiva que não a do invasor.



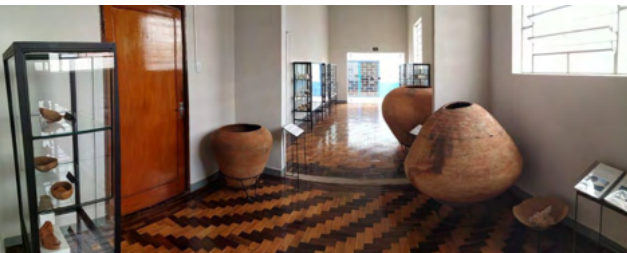
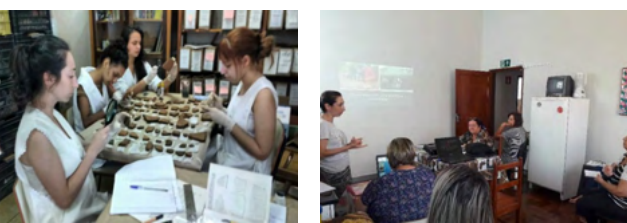
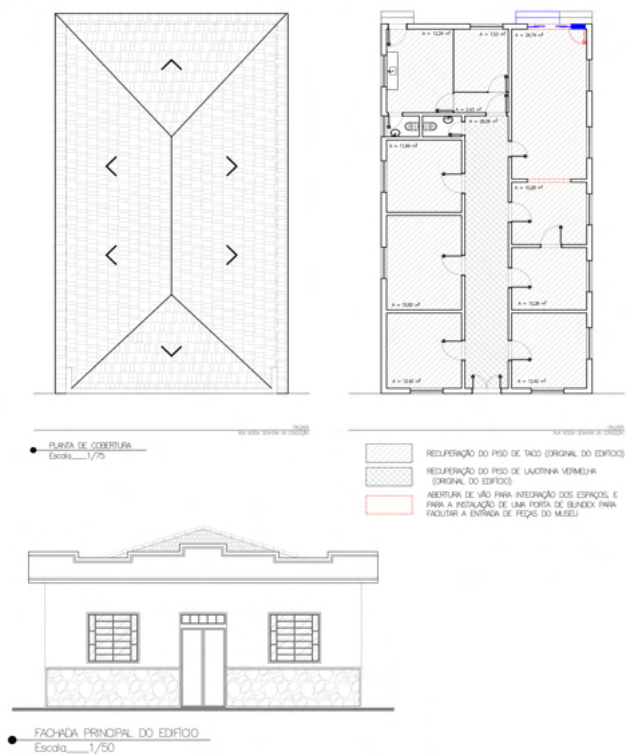
# MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA DE PERDIZES, MG

O Museu de Arqueologia Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Angelina Alves foi viabilizado a partir de convênios culturais assinados entre a Universidade de São Paulo (intermediada pelo Museu Paulista) e a Prefeitura de Perdizes e, posteriormente, entre a Prefeitura e o Museu de Arqueologia e Etnologia, através da institucionalização do Projeto Quebra-Anzol.

As primeiras exposições foram inauguradas no ano de 1986, em duas salas da Sede da Prefeitura Municipal mas, devido a realização de reformas nos edifícios públicos e até mesmo da realocação de funções públicas, precisaram ser desmontadas e remontadas diversas vezes, passando por exemplo a ocupar a Casa de Cultura, o Sindicato Rural de Perdizes, duas salas alugadas em edifício comercial, até serem transferidas, no ano de 2018, para a atual localização, um edifício de meados do século XX que abrigou a primeira Prefeitura de Perdizes. É uma edificação tombada a nível municipal e divide espaço com o Centro Cultural de Perdizes (MOREIRA, 2019).

A partir dos desenhos técnicos e fotos ao lado, obtidas através da Dissertação de Mestrado de Melina Moreira (2019), concluiu-se que o espaço atualmente disponível para exposições, pesquisas e apresentações é insuficiente e não atende de forma satisfatória a todas as demandas existentes.

Define-se então como diretriz a construção de um novo edifício que abrigará o Museu e as atividades de pesquisa.



Imagens: Moreira (2019).



## PERDIZES, MG

aproximações

O município de Perdizes localiza-se na mesorregião mineira do Alto Paranaíba, com área aproximada de 2.460km<sup>2</sup> e população de cerca de 16.500 habitantes segundo estimativa do IBGE [2021]. Seu território é semimontanhoso, a sede municipal situa-se a 1 047 metros de altitude e dista da capital do Estado, em linha reta, 360 quilômetros. A economia é baseada em atividades pecuárias e agrícolas, concentrando enorme quantidade de pivôs de irrigação, e a malha urbana é fragmentada pela Rodovia BR-462.

Segundo FERREIRA (1959), Francisco Pereira Xavier, abastado proprietário local, doou em meados de 1820 algumas terras para que fosse construída uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Começou então a crescer ali um pequeno núcleo populacional conhecido neste momento por Nossa Senhora da Conceição.

Entre os anos de 1880 e 1891, o povoado passou a distrito, integrando o município de Araxá; em 1920, aparece nomeado como Conceição do Araxá em publicação do Serviço Nacional de Recenseamento; e, em Lei Estadual datada de 1938 passa a categoria de município com nome de Perdizes.

Segundo tradições orais, este nome se deve a abundância da ave na região. Dizem que era comum que viessem grupos de caçadores com cães para abatimento dessas aves, já que na época a caça era permitida, e que essa área ficou conhecida como "Campo das Perdizes." (FERREIRA, 1959).



Imagem: Mapa histórico de Perdizes, ainda conhecido como Nossa Senhora da Conceição, quando fazia parte do município de Araxá, 1938. / Imagem de satélite extraída do Google Earth. Edição realizada pela autora.



# PERDIZES

leituras da cidade

- ROBOVIA BR-462
- PRINCIPAIS AVENIDAS E EIXOS COMERCIAIS
- ▢ ÁREA DE INTERVENÇÃO
- ▢ ESCOLAS
- ▢ PRAÇAS





# PROPOSTA PROJETUAL:

Centro de Memória em Perdizes, MG

Com a intenção de exercitar a prática projetual e de investigar possíveis aplicações das diretrizes desenvolvidas, propõe-se um Centro de Memória na cidade de Perdizes, MG, ancorado nas pesquisas arqueológicas já desenvolvidas na região desde a década de 1980, inserindo também discussões sobre processos participativos nas tomadas de decisões sobre as pesquisas em si, mas principalmente sobre aspectos museográficos, propostos de forma sincrética a hábitos e crenças das populações evidenciadas.

Visando fazer com que o projeto incorpore dinâmicas ou demandas já existentes na cidade, tanto pela intenção de sobrepor camadas, quanto para que se configure como um espaço multi-uso, com atividades que envolvam diferentes faixas etárias e grupos sociais, o programa do Centro de Memória consiste em: espaços expositivos e de pesquisa arqueológica; sede para a recém criada Associação dos Artesãos; Cozinha Comunitária associada à produção pelo Sistema Agroflorestal, contribuindo para garantir a segurança alimentar no município; além de uma biblioteca, objetivando envolver de forma bastante direta e frequente as crianças e jovens da cidade e dos distritos e comunidades rurais próximas.

A materialidade proposta vem de um partido projetual de baixo impacto ambiental, com uso de materiais locais, como a pedra tapiocanga, muito presente na região e utilizada principalmente para construção de muros de arrimo e embasamento de casas; as taipas de pilão e de mão, tanto pela questão estética das camadas da terra em associação às pesquisas arqueológicas no caso da primeira, quanto pela oportunidade da realização de canteiros abertos e coletivos no caso da segunda, também como uma referência às casas feitas em adobe, principalmente nas áreas rurais, compartilhando como questão comum a matéria prima. Por fim, como materialidade das vigas e estrutura de cobertura opta-se pelo uso da madeira laminada colada (mlc), que possibilita vencer grandes vãos, necessários para os edifícios propostos, bem como da madeira laminada cruzada (clt), no caso de lajes.



Imagens: olhares.com, autora, Ivan Turyk e Marta Iansen.

## INTENÇÕES

Algumas das principais intenções projetuais são:

- . promover espaços de discussão e de enfrentamento de questões históricas envolvendo violência e apagamento de sociedades, culturas e populações indígenas;
- . garantir a segurança alimentar de parte da população em situação de vulnerabilidade social, bem como a recuperação e preservação da mata ciliar por onde passava o Córrego do Arraial, área de brejo que atualmente apresenta muitas espécies invasoras e que possui brotamento de água nas estações chuvosas;
- . resgatar uma materialidade local, visando principalmente um baixo impacto ambiental e dialogar com questões de identidade;
- . conformar espaços públicos de encontro e de passagem, aproximando a população do brejo e ressignificando essa relação com os cursos d'água e com as áreas temporariamente alagadas.



## ESCOLHA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Principais questões levadas em consideração para a escolha do local de intervenção:

- . proximidade com o centro histórico da cidade, valorizando percursos que possibilitem também a descoberta de camadas históricas locais, além de ser a área que concentra os principais e maiores fluxos de pedestres na dinâmica atual;

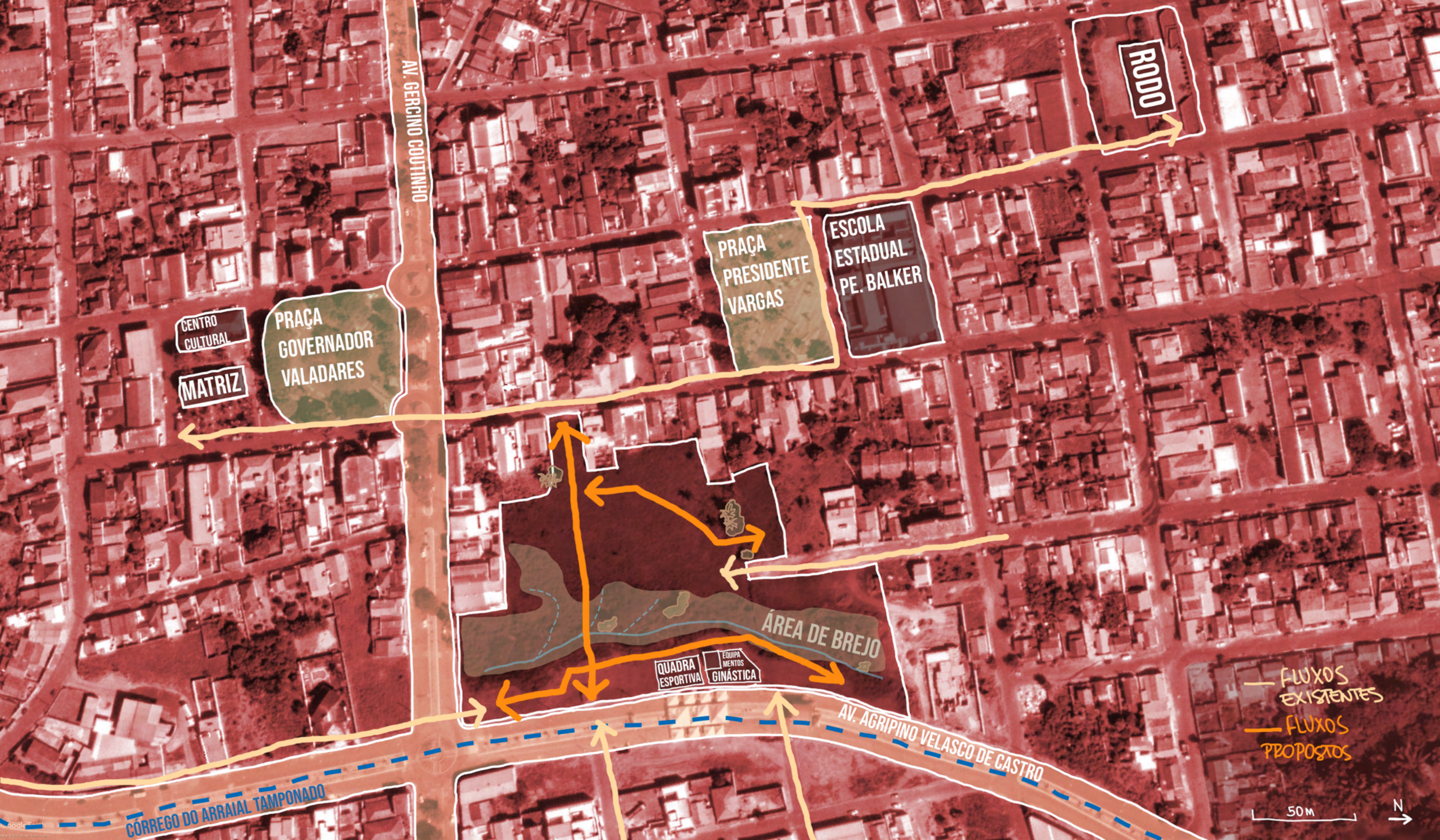
- . necessidade de área ampla para atender ao programa, já que a verticalização não se coloca como uma opção para o projeto, visando não divergir do baixo gabarito do entorno e da cidade como um todo;

- . tamponamento do Córrego do Arraial, realizado para a construção da Avenida Agripino Velasco de Castro - localizada na página a seguir -, com área residual de brejo (antigo percurso do córrego, desviado), a qual pode ser a qualquer momento drenada e loteada (intensões já presentes em mapa das quadras e vias da cidade, fornecidos pela Secretaria de Obras, Trânsito e Serviços Públicos). Desse modo, as decisões projetuais podem atuar no sentido de preservar a área de brejo, aproximando a população de forma pedagógica.



Imagens: Cidade de Perdizes ao longo dos anos (1985, 2013 e 2019), tamponamento do Córrego do Arraial e área residual como escolha de área de intervenção. / Imagem de satélite extraída do Google Earth.





AV. GERCIANO COUTINHO

RODO

CENTRO CULTURAL

MATRIZ

PRAÇA GOVERNADOR VALADARES

PRAÇA PRESIDENTE VARGAS

ESCOLA ESTADUAL PE. BALKER

QUADRA ESPORTIVA EQUIPAMENTOS GINÁSTICA

ÁREA DE BREJO

AV. AGRIPINO VELASCO DE CASTRO

CÓRREGO DO ARRAIAL TAMPONADO

FLUXOS EXISTENTES  
FLUXOS PROPOSTOS

50M







## DIAGRAMA

programa espacializado

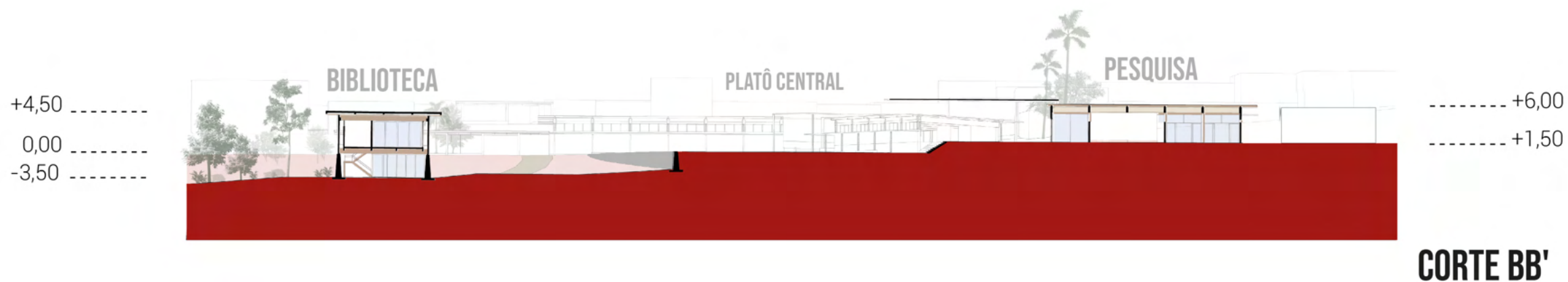
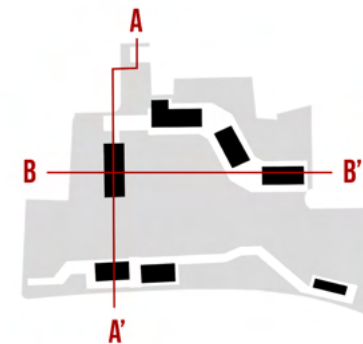






**IMPLANTAÇÃO**  
rés do chão









## VÔO DE PÁSSARO

vista aérea da proposta projetual, com indicação das Praças Governador Valadares e Presidente Vargas ao fundo

Produção da imagem: Luiz Felipe Kataoka Fogo e autora.



Considerando as áreas indicadas na implantação, destinadas para o plantio de árvores frutíferas presentes no Bioma do Cerrado, alguns dos objetivos são não só o resgate das espécies ameaçadas de extinção, mas também a valorização do Bioma e de suas frutas, extremamente nutritivas.

Além disso, busca-se resgatar os fortes vínculos que as pessoas da região têm com essas frutas, remetendo às épocas de infância e adolescência, quando a mecanização do campo ainda não havia se consolidado e grande parte dessas espécies eram ainda abundantes.

São várias as possibilidades de consumo dessas frutas, não só in natura, mas também para a produção de doces, geléias, sorvetes e picolés, por exemplo.

Na tabela a seguir, apresenta-se o período de frutificação de algumas espécies, a fim de indicar que na maior parte do ano seria possível ter frutas maduras para o consumo, e nessa lacuna entre os meses de junho, julho e agosto, seria possível acompanhar o processo de floração de parte dessas árvores, o que traz também sua beleza e potencial de contemplação.

POMAR DE FRUTOS DO CERRADO

MESES DE FRUTIFICAÇÃO

	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
ARATICUM	X	X	X									
MURICI		X	X	X	X							
BARU									X	X		
MAMA-CADELA									X	X	X	X
CAGAITA										X	X	
CEREJA-DO-CERRADO	X									X	X	X
PÊRA-DO-CAMPO	X									X	X	X
MANGABA	X	X	X	X						X	X	X
BACUPARI-DO-CERRADO											X	X
PEQUI	X										X	X
BURITI	X	X										X



Araticum



Murici



Baru



Mama-cadela



Cagaita



Cereja-do-cerrado



Pêra-do-campo



Mangaba



Bacupari-do-cerrado



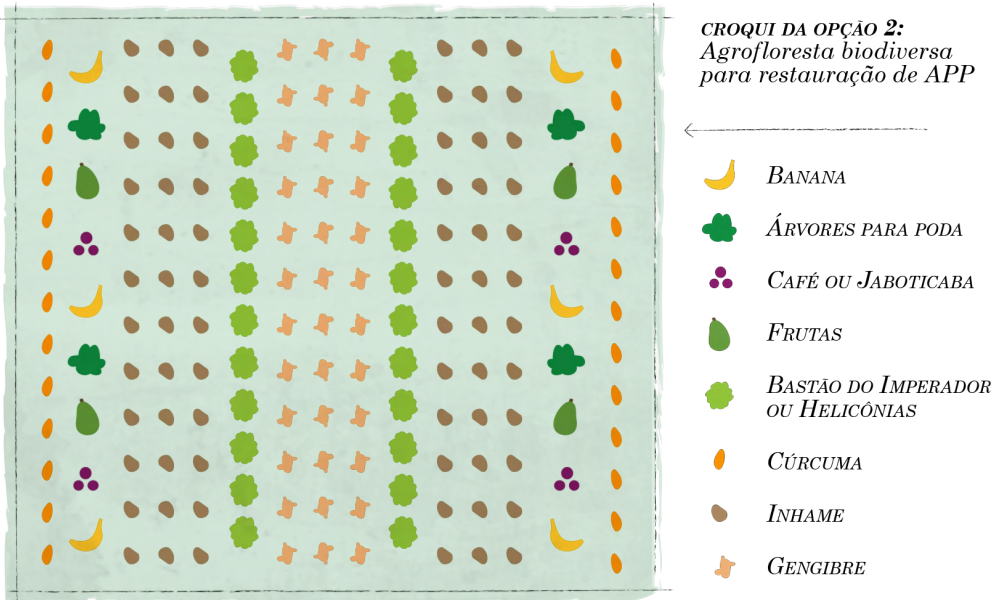
Pequi



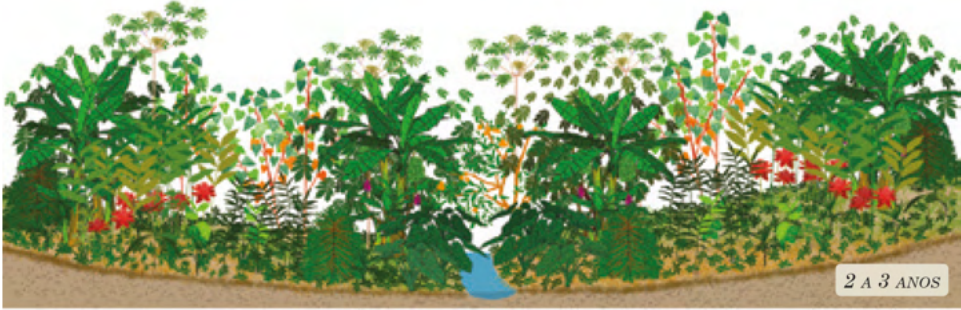
Para a proposta da implementação de uma agrofloresta, foi consultado o guia técnico desenvolvido pelo Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal, no qual são indicadas opções voltadas para diferentes contextos nos Biomas da Caatinga e do Cerrado.

O contexto que mais se aproximou da área de intervenção foi o de **Agrofloresta Biodiversa para restauração de APP**, que apresenta esse contexto de proximidade a um curso d'água ou a uma área de solo bastante úmido, com objetivos principais de restauração, segurança alimentar e produção para mercado.

Os desenhos, selecionados do guia, indicam uma possibilidade de implantação das espécies e o desenvolvimento ao longo dos anos, mas destaca-se aqui a importância de um estudo mais aprofundado considerando as condições de solo, para ajustes e correções que sejam necessários.

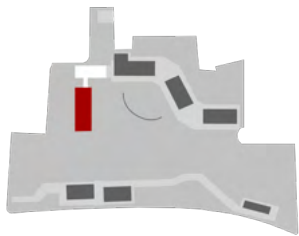


Fonte das imagens: Restauração Ecológica com Sistemas Agroflorestais: como conciliar conservação com produção. Opções para Cerrado e Caatinga / Andrew Miccolis [et al.]. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza – ISP/N/ Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal – ICRAF, 2016.

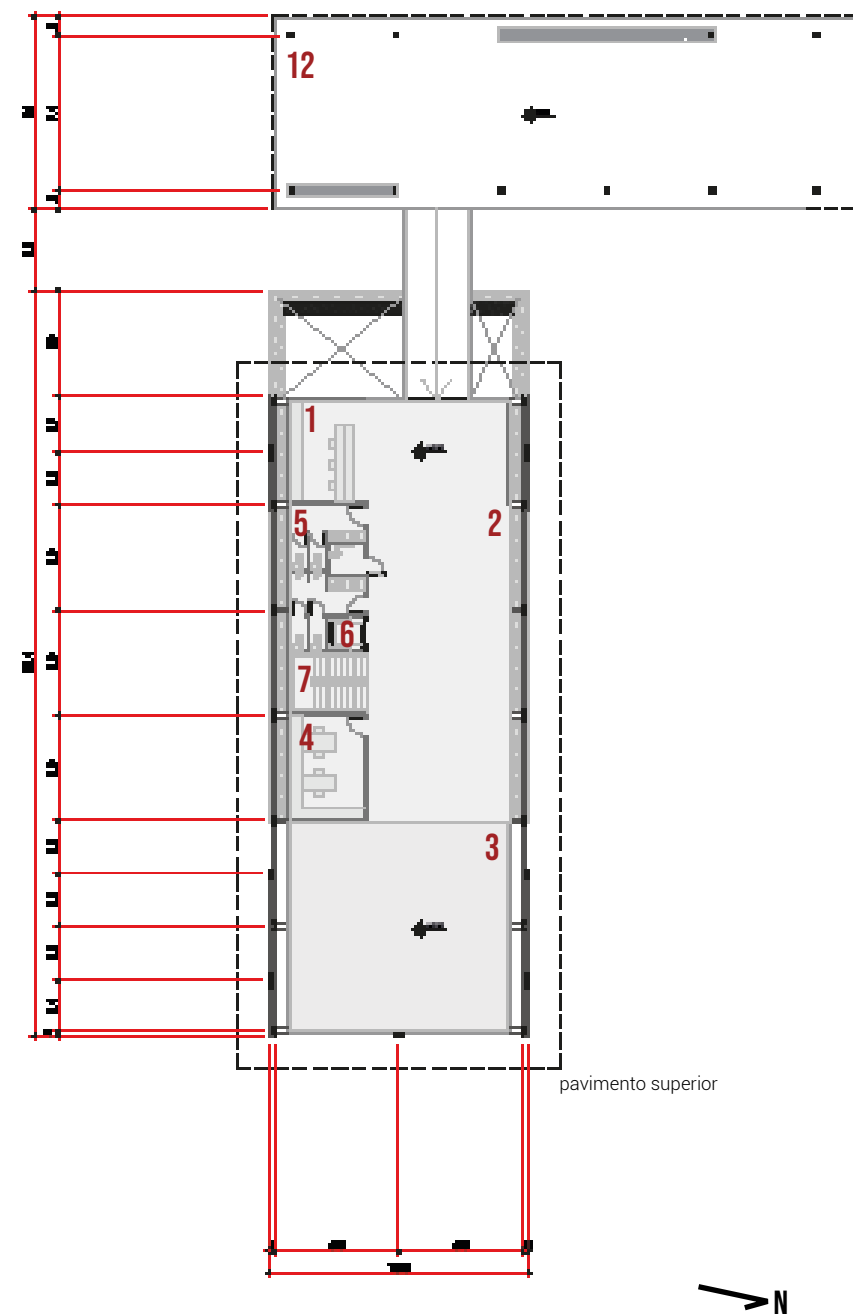
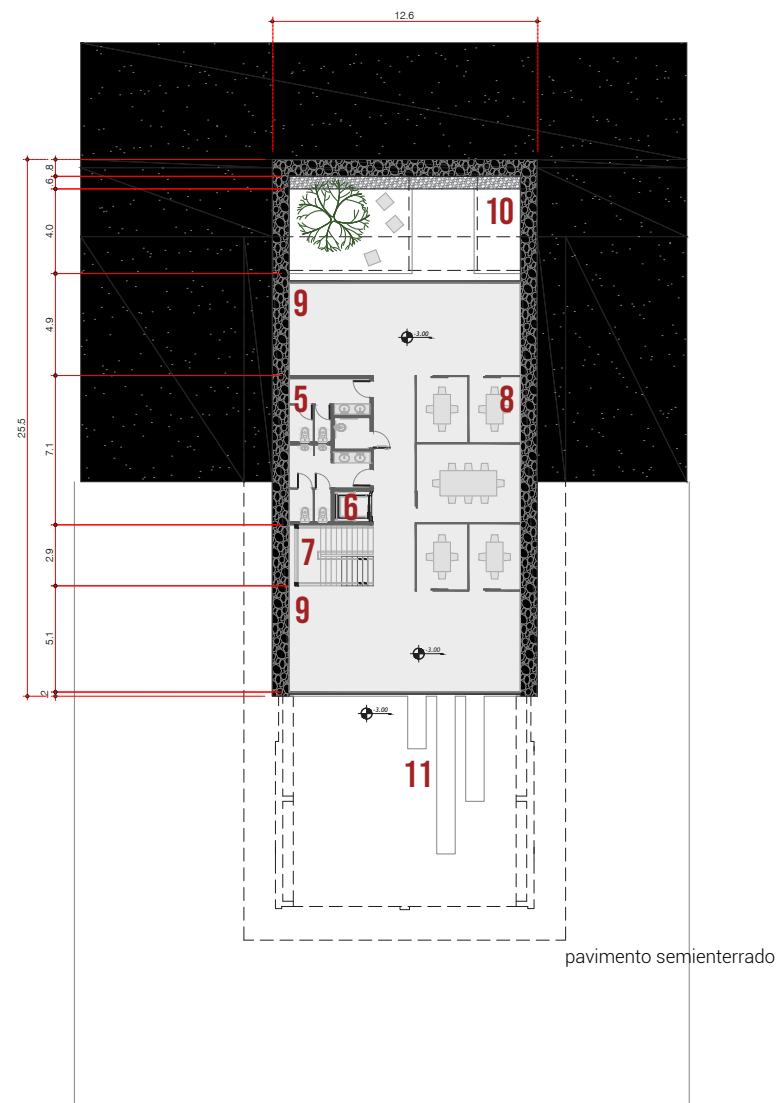


OPÇÃO 2: AGROFLORESTA BIODIVERSA PARA RESTAURAÇÃO DE APP



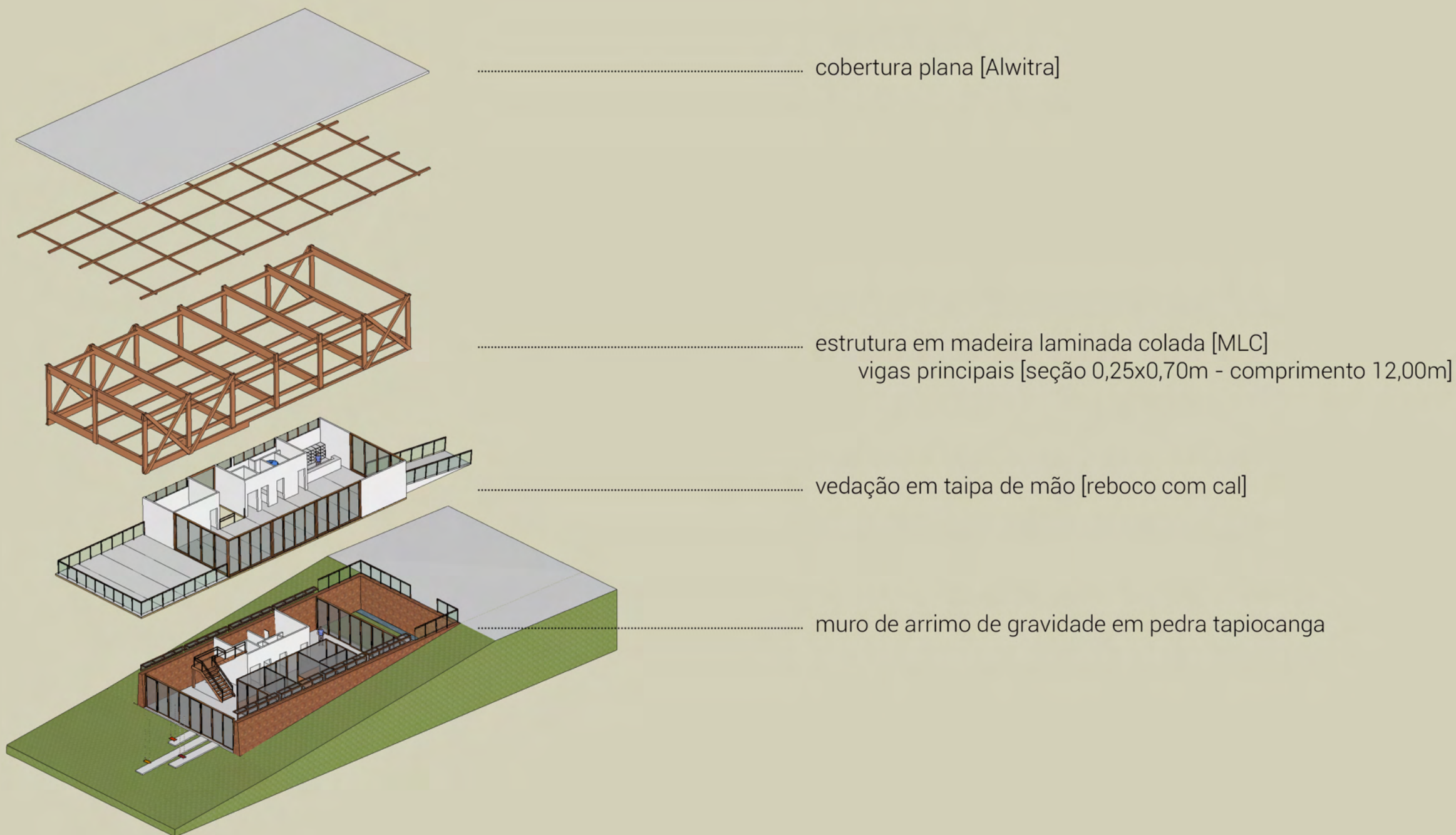


1. recepção e guarda volumes
2. espaço para disposição das estantes
3. área de leitura aberta e coberta
4. sala administrativa
5. sanitários
6. elevador
7. escada
8. salas de estudo
9. mobiliário para estudo e leitura
10. pátio com espelho d'água
11. balanços infantis
12. pergolado configurando espaço de encontro e acesso para biblioteca e edifício expositivo



## BIBLIOTECA

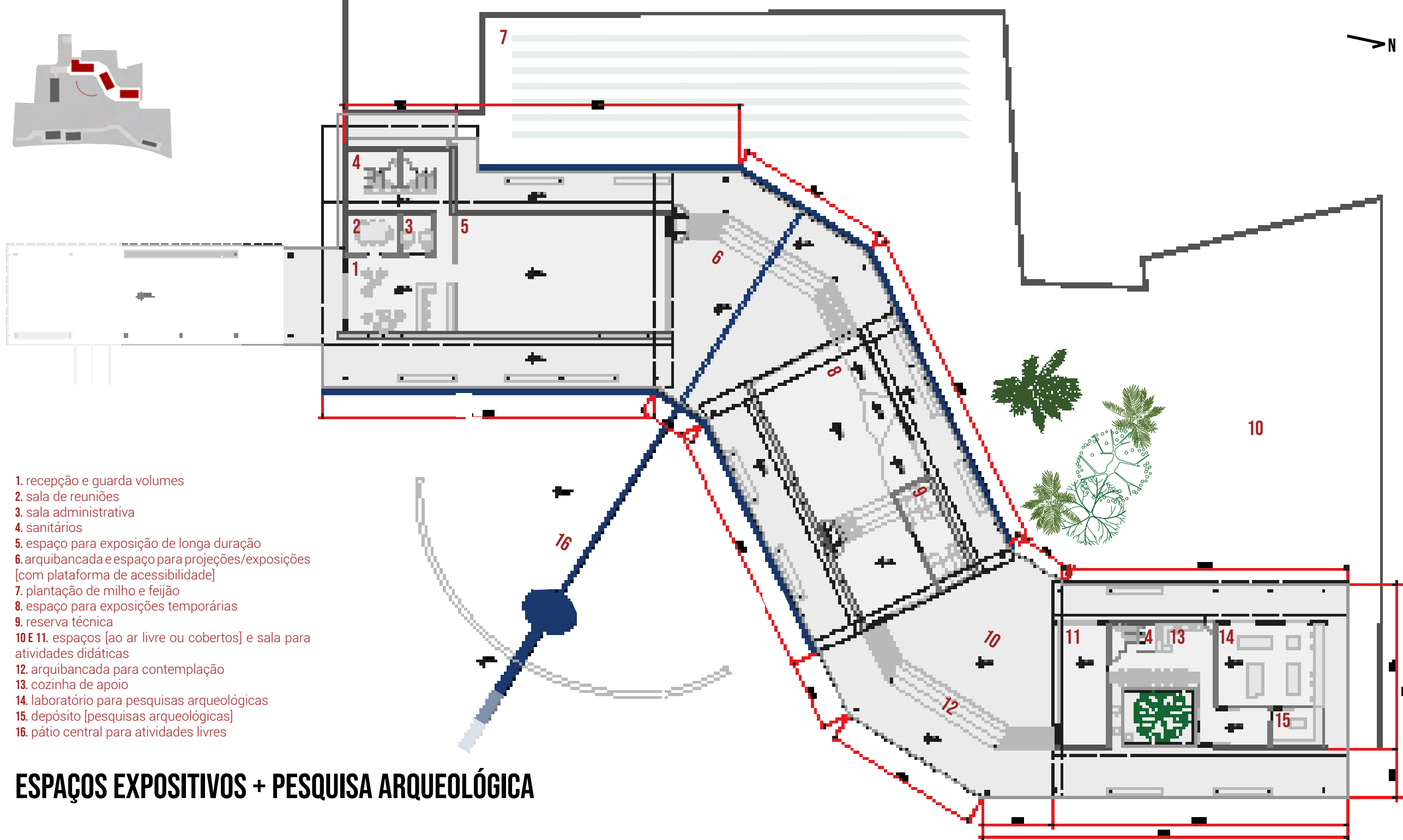




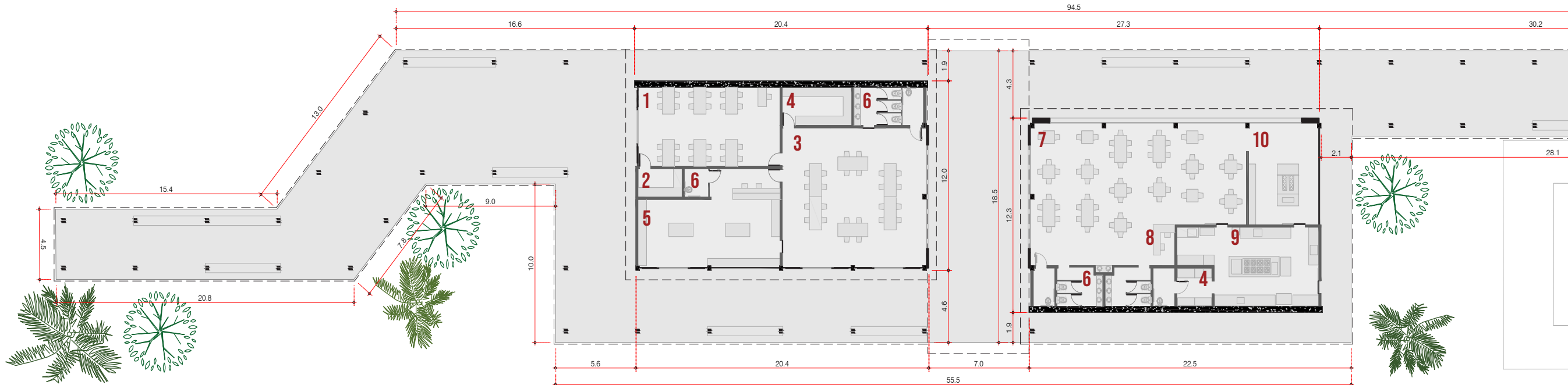
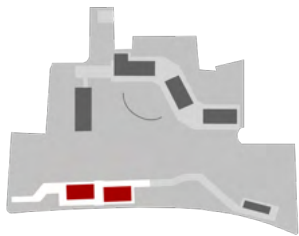
## BIBLIOTECA

perspectiva explodida





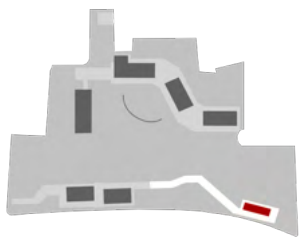
## ESPAÇOS EXPOSITIVOS + PESQUISA ARQUEOLÓGICA



- 1. sala multiuso [cursos agrofloresta; cursos artesanato; reuniões]
- 2. depósito de ferramentas
- 3. espaço de produção [Associação de Artesãos]
- 4. depósito
- 5. espaço de vendas [Associação de Artesãos]
- 6. sanitários
- 7. salão de refeições
- 8. recepção
- 9. cozinha
- 10. pistas fria e quente [fogão à lenha]
- 11. ponte

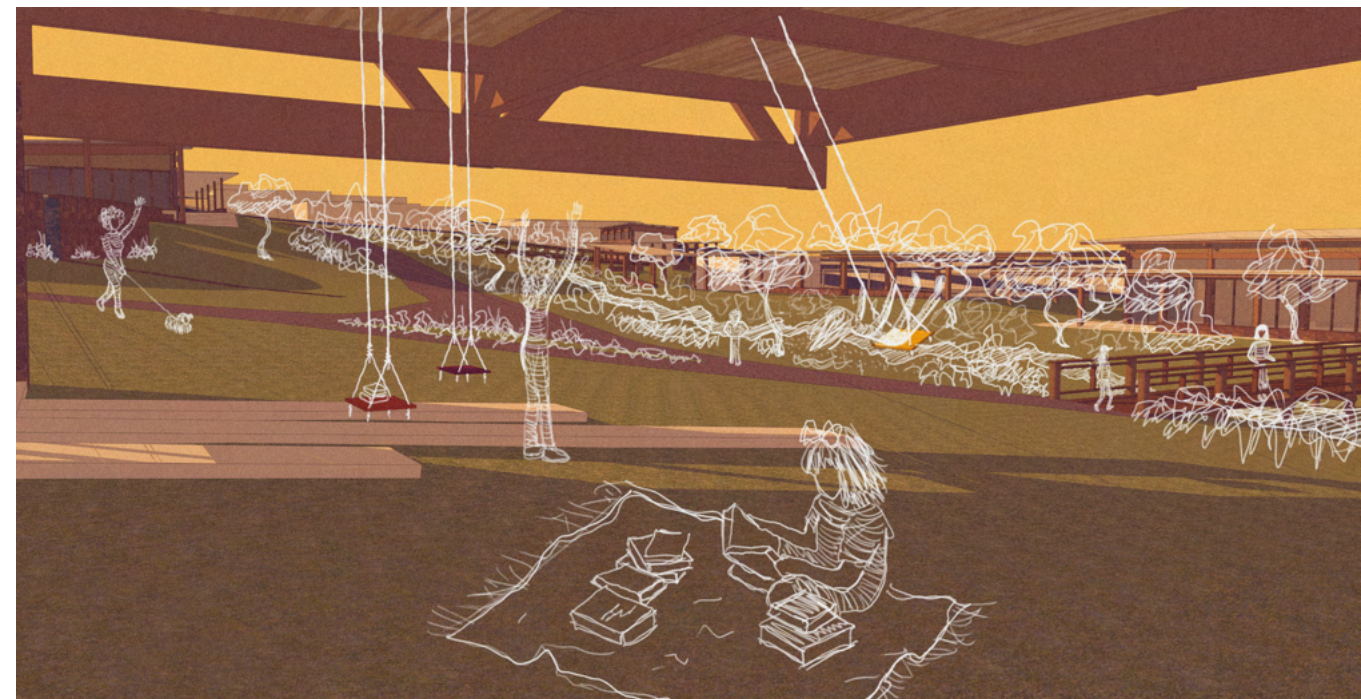
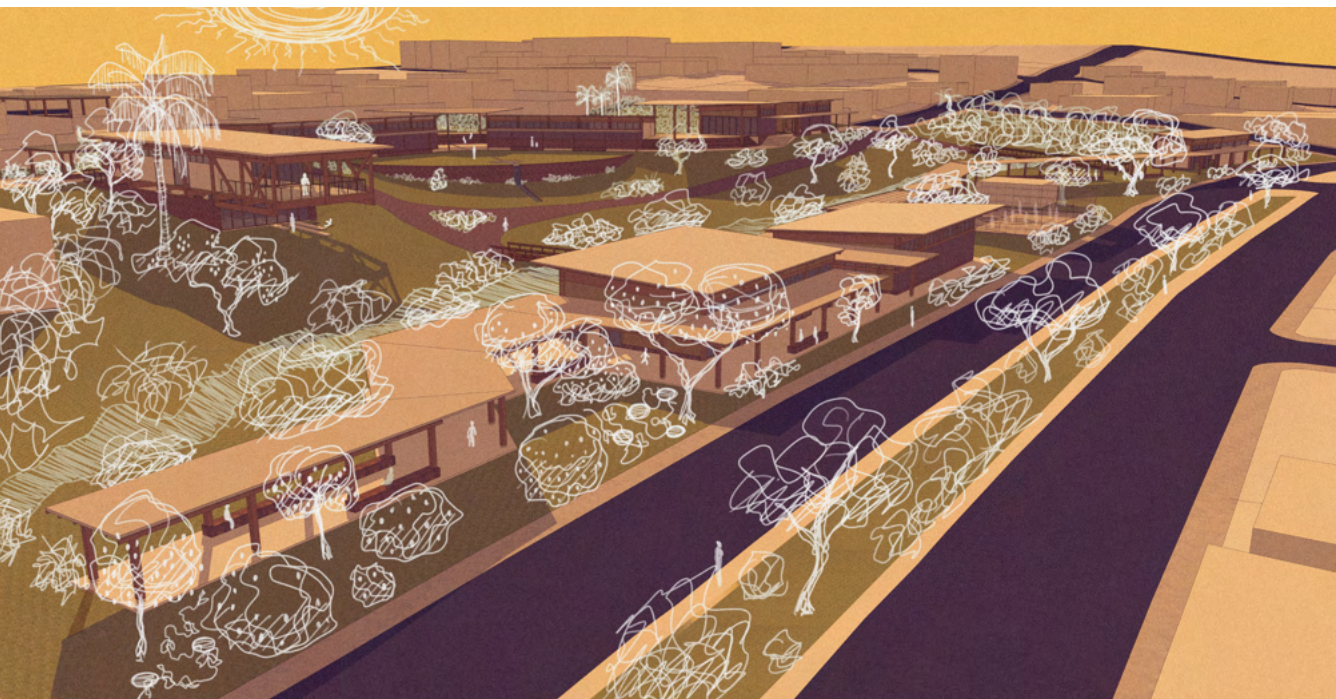
## SEDE DA ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE PERDIZES + COZINHA COMUNITÁRIA





- 
1. depósito de ferramentas  
2. armazenamento de alimentos  
3. sanitários públicos  
4. ponte
- APOIO AGROFLORESTA**

## APOIO AGROFLORESTA



Produção das imagens: Thales de Sousa Resende.

## PERSPECTIVAS

vista aérea próxima à sede dos artesãos e balanço da biblioteca





**PERSPECTIVA**

platô central

Produção da imagem: Thales de Sousa Resende.



## CONSIDERAÇÕES:

Entende-se como ponto relevante a ser apontado o fato de que este trabalho foi desenvolvido por uma pessoa não indígena [branca] e que o mesmo apresenta limitações e contradições.

Algumas das discussões surgiram em momentos já avançados da elaboração do trabalho e, considerando os prazos estabelecidos e a necessidade de finalizá-lo, optou-se por dar andamento às propostas anteriormente iniciadas sem invisibilizar incoerências existentes. Além disso, trata-se de uma abordagem que demanda o envolvimento de um grupo extenso e diverso de profissionais mas, no caso da proposta projetual, principalmente, da participação direta de populações indígenas - neste caso, preferencialmente vinculadas de alguma forma à região estudada ou a áreas adjacentes -, já que a intenção maior da pesquisa é a de iluminar perspectivas e narrativas historicamente apagadas nesta porção do território brasileiro.

Apesar das dificuldades apresentadas e, considerando ainda o contexto pandêmico, foi um processo muito rico de aprendizado e de trocas, tanto com os professores orientadores quanto com amigos e companheiros de percurso, e encerra-se esta etapa acadêmica com alegria e esperança.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AB'SABER, Aziz Nacib. **Potencialidades paisagísticas brasileiras**. Boletim Geomorfologia, São Paulo, Inst. de Geografia da USP, n. 55, 1977.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume 26: Municípios do Estado de Minas Gerais. Arquivo da Agência (IBGE), 1959.

GONÇALVES, Múcio Tosta. **Espaço rural em transformação: um lugar de (qual) memória?** Mneme - Revista de Humanidades, v. 5, n. 10, 8 jul. 2010.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)**. Edufu, 2005.

MAGALHÃES, Wagner. **Estudo arqueométrico dos sítios arqueológicos Inhazinha e Rodrigues Furtado, Município de Perdizes/MG: da argila à cerâmica... possíveis conexões entre os vasilhames cerâmicos e as fontes argilosas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2015.

MANO, Marcel. **Índios e negros nos sertões das minas. Contatos e identidades**. In: Varia História, Belo Horizonte, vol. 31, n. 56, p. 511-546, mai./ago. 2015.

MARCOLIN, Rosa Branca Dias da Silva. 2013. **A arqueologia da paisagem como instrumento de conhecimento do território**. Disponível em: <http://www.citcem.org/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **Cidade e Campo, Urbano e Rural: o substantivo e o adjetivo**. In: Feldman, SEF. (Org.). O urbano e o regional no Brasil contemporâneo: mutações, tensões, desafios. Salvador: EDUFBA: ANPUR, p. 93-114, 2007.

MOREIRA, Melina Pissolato. **Projeto Quebra-Anzol, Minas Gerais: estudo de continuidade e mudança tecnológica intersítios na cultura material cerâmica**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. 2019.

SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. Paisagem. **Paisagem e Ambiente: ensaios** [S. l.], n. 20, p. 47-59, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40228>. Acesso em: 4 jul. 2021.

ZUQUIM, Maria de Lourdes. **O lugar do Rural nos Planos Diretores Municipais**. in: Pluris 2008 - 3o Congresso Luso Brasileiro para Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável, Santos, 2008.

